



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS – FATECS

LAYLLA EMANUELLA NEPONUCENO DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SOCIAL FEMININA: UMA ANÁLISE DA TRILOGIA CINQUENTA
TONS DE CINZA**

Brasília
2016

LAYLLA EMANUELLA NEPONUCENO DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURA ERÓTICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SOCIAL FEMININA: UMA ANÁLISE DA TRILOGIA CINQUENTA
TONS DE CINZA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social
com habilitação em Publicidade e Propaganda
do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.

Orientadora: Prof. Me. Ursula Betina Diesel

**Brasília
2016**

LAYLLA EMANUELLA NEPONUCENO DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DA LITERATURAERÓTICA NA CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE SOCIAL FEMININA: UMA ANÁLISE DA TRILOGIA CINQUENTA
TONS DE CINZA**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como um dos requisitos para
conclusão do curso de Comunicação Social
com habilitação em Publicidade e Propaganda
do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB.
Orientadora: Prof. Me. Ursula Betina Diesel

Brasília, 13 de Junho de 2016

Prof. Me. Ursula Betina Diesel

Orientadora

Prof. Me. Luiz Claudio Ferreira

Examinador

Prof. Dra. Flor Marlene Enriquez Lopes

Examinadora

Dedico este trabalho à minha falecida avó, Maria Divina, por toda sua vida de dedicação aos filhos e àqueles que estavam ao seu redor. Por ser o meu exemplo de força e garra feminina e, de onde quer que esteja, por cuidar de mim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pois sem Ele essa jornada a qual chamamos de vida seria muito mais difícil. Sem sombra de dúvidas, Ele é o meu refúgio e meu guia em todos os momentos de minha existência.

A minha mãe, pelo esforço e sacrifícios durante toda sua vida para me proporcionar o melhor. Ao meu pai, pela paciência e carinho a mim dados ao longo desses vinte e um anos.

Ao longo de minha jornada acadêmica, pude contar com pessoas que colaboraram para o meu crescimento como profissional e ser humano das mais diferentes formas. Agradeço a minha primeira chefe, exemplo de mulher e profissional, Fabiani Gattai, pela paciência e por me proporcionar grandes aprendizados. Sem dúvidas, levarei como exemplo para minha vida sua competência e destreza.

Agradeço aos amigos e colegas de trabalho que me acompanharam e tornaram esse caminho um pouco menos difícil através das risadas e alegrias no cotidiano. Aos funcionários do UniCEUB que colaboraram com a manutenção do espaço acadêmico, propiciando as melhores condições para o meu desenvolvimento intelectual ao longo desses anos. Aos professores, sempre dispostos a compartilhar conhecimento. Aqueles que me apoiaram nos momentos mais difíceis de angústia e ansiedade e que me reservo a citar os nomes, todo meu carinho e gratidão.

Por último, agradeço ao meu maior exemplo de profissional e ser humano, aquele que me inspira todos os dias, me faz querer ser alguém melhor e me faz ter fé na humanidade: meu mestre, chefe e amigo, Luiz Claudio Ferreira. Sem dúvidas, levarei seus ensinamentos até o último dia de minha jornada neste mundo, e espero um dia poder ser para as pessoas um terço do que ele representa na vida de todos aqueles que o rodeiam.

A todos, meu muito obrigada!

RESUMO

O presente estudo busca compreender a representação da literatura erótica na construção da identidade social feminina e, para atingir esse objetivo, foi analisado o fenômeno editorial Cinquenta Tons de Cinza. Outro objetivo é entender o motivo de a trilogia Cinquenta Tons de Cinza fazer tanto sucesso entre as mulheres, mesmo a história girando em torno de um romance sadomasoquista e machista. A trilogia vendeu mais de cem milhões de cópias em todo mundo, tornando-se um dos maiores sucessos relacionados a esse tipo de gênero literário. Diversas controvérsias surgiram em relação ao conteúdo presente na narrativa, uma vez que se trata de um romance sadomasoquista, em que há, portanto, uma submissa e um dominador, e que se tornou campeão de vendas em pleno século 21, após todo processo de emancipação feminina. O Trabalho de Conclusão de Curso busca responder questionamentos relacionados à influência que esse tipo de história pode exercer na vida de suas leitoras e como a leitura da trilogia pode refletir na construção da identidade social delas. No desenvolvimento do trabalho foi realizada uma contextualização do processo evolutivo da mulher ao longo dos anos. Para a análise, trechos dos livros da trilogia foram usados a fim de atingir o objetivo proposto no estudo, relacionando com a teoria previamente estabelecida.

Palavras-chave: Cinquenta Tons de Cinza. Indústria Cultural. Cultura de Convergência. Literatura Erótica. Representação feminina.

ABSTRACT

This study seeks to understand the representation of erotic literature in the construction of female identity and social, to achieve this goal, the publishing phenomenon Fifty Shades of Grey will be analyzed. Another objective is to understand why the trilogy Fifty Shades of Grey make so successful among women, even the story revolving around a sadomasochistic romance and machismo. The trilogy has sold over one hundred million copies worldwide, making it one of the biggest successes related to this type of genre. Several controversies have arisen in relation to this content in the narrative, since it is a sadomasochistic novel in which there is a submissive and domineering and became best seller in the 21st century after all female emancipation process. This Work Completion of Course seeks to answer questions related to the influence that this kind of story can have in the lives of their readers and how to read the trilogy may reflect in the construction of social identity them. In the development work was carried out a contextualization of the evolutionary process of women over the years. For the analysis, the trilogy of books excerpts were used in order to achieve the purpose of the study, relating eat previously established theory.

Keywords: Fifty Shades of Grey. Cultural industry. Convergence Culture. Erotic literature. female representation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE COMUNICAÇÃO E CULTURA	13
1.1 INDÚSTRIA CULTURAL	13
1.2 PRODUTOS DA CULTURA MIDIÁTICA	15
1.3 TEORIA ESPIRAL DO SILÊNCIO	16
1.4 MARKETING COMO FERRAMENTA	17
1.5 CULTURA DE CONVERGÊNCIA	17
1.6 MERCADO EDITORIAL	19
1.7 LITERATURA ERÓTICA	20
2. GÊNERO, MULHER E SOCIEDADE	23
2.1 DESCONSTRUINDO A CONCEPÇÃO DE GÊNERO	23
2.2 IDENTIDADE SOCIAL.....	26
2.3 REPRESENTAÇÃO FEMININA	27
2.4 REPRESENTAÇÃO E LITERATURA.....	28
2.5 ANÁLISE DO DISCURSO	29
2.6 NARRATIVA.....	30
2.6.1 ENREDO	31
2.6.2 PERSONAGENS.....	32
2.6.3 TEMPO E ESPAÇO	32
2.6.4 NARRADOR.....	33
3. METODOLOGIA	34
4. ANÁLISE.....	36
4.1 OBJETIVO DO ESTUDO	36
4.2 CORPUS: CINQUENTA TONS DE CINZA	36
4.3 ANASTASIA STEELE, A MULHER COMUM	38
4.4 AS CINQUENTA SOMBRAS DE GREY.....	38
4.5 SADISMO, MASOQUISMO E BONDAGE (BDSM).....	40
4.6 VIRGINDADE COMO TABU	42
4.7 A GANGORRA DO AMOR	45
4.8 A BELA E A FERA E O PRÍNCIPE ENCANTADO DA ATUALIDADE.....	46
4.9 RELACIONAMENTO ABUSIVO	48

4.10 ARQUÉTIPO FEMININO DINÂMICO: A DONZELA VIRGEM.....	50
4.11 ANÁLISE DO DISCURSO DA TRILOGIA CINQUENTA TONS DE CINZA.....	51
4.12 CINQUENTA TONS DE CINZA COMO PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL	53
4.13 PORNOGRAFIA X EROTISMO	56
4.14 CINQUENTA TONS DE FEMINISMO	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXO A – CONTRATO.....	70
ANEXO B – Figura 1	81
ANEXO C – Figura 2	82
ANEXO D – Figura 3	83

INTRODUÇÃO

Diversas lutas por igualdade de direitos foram travadas pelas mulheres no último século. Uma das conquistas resultantes desse processo é a entrada desse público no mercado de trabalho, por exemplo. É possível ainda perceber que uma mudança ocorre a passos lentos: há, de certa forma, uma tendência a valorizar o lugar das mulheres na sociedade, entender as mudanças que ocorreram em sua percepção de identidade social e a evolução desse papel por elas desempenhado.

Até meados do século passado, as mulheres viviam exclusivamente para a casa, o marido e a família, e deviam corresponder às expectativas masculinas de modo geral. Hoje, buscam satisfazer as próprias vontades e desejos, conciliando todas as áreas de suas vidas. Apesar de vivenciarmos um quadro de valorização feminino jamais visto antes na história da sociedade, a mulher ainda esbarra em preconceitos e tabus que acabam por dificultar todo o processo de emancipação feminina desenvolvido até aqui.

A mudança do papel feminino refletiu em todas as áreas da sociedade. Na publicidade, essa mudança é significativa. Não só os produtos direcionados a elas tiveram de ser transformados e adaptados, mas também a forma de direcionamento a este público teve de se adequar às mudanças que aconteceram ao longo do tempo. Ao contrário do que ocorria em outras épocas, não se faz mais publicidade pensando apenas no consumo masculino. Sem dúvidas, a grande influenciadora desse processo é a internet. Com o acesso cada vez mais facilitado, debates sobre a imagem da mulher na sociedade deixaram de ser restritos às universidades, movimentos feministas ou grupos pequenos e passaram a fazer parte de uma realidade cada vez mais próxima.

Entende-se que deveria haver uma adaptação da publicidade dirigida a esse público, a fim de que a mulher se identifique mais com um produto ou serviço. Entretanto, é possível observar que ainda não ocorreu uma grande transformação nas representações femininas apresentadas pela publicidade, o que acaba por gerar discussões ao analisar-se o âmbito social e histórico.

A mulher passa por um processo de empoderamento e independência financeira. Ela passou a ter destaque nas estratégias de marketing, onde as grandes

empresas buscam de diversas formas compreender e atingir as demandas específicas deste segmento. De acordo com um levantamento realizado pela consultoria Forrester Research¹ divulgado em março de 2015, os itens mais comprados na internet pelas mulheres brasileiras são livros (33%), artigos de moda (32%) e sapatos (30%). Os dados também mostram que o consumo feminino está em crescimento, com uma elevação de 11 pontos percentuais em relação a 2011.

Entre diversos setores, o segmento de venda de livros, tanto físicos quanto digitais, obteve um crescimento considerável. Segundo a última pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro², no ano de 2015, o número de leitores no Brasil subiu 6% entre os anos de 2011 e 2015. Ainda de acordo com a pesquisa, o gênero Romance é o terceiro mais lido entre a população brasileira, perdendo apenas para a Bíblia e para livros didáticos, ambos denominados como gêneros literários pela pesquisa.

Segundo a pesquisa realizada pelo Instituto, as mulheres leem mais no Brasil. Os dados revelam que 59% dos leitores brasileiros são mulheres – elas consomem, em média, 5,3 livros por ano contra 4,7 livros lidos pelos homens no mesmo espaço de tempo. O mesmo levantamento aponta que Cinquenta Tons de Cinza foi citado como quinto livro mais lido, perdendo para “Bíblia Sagrada”, “Diário de um banana”, “Casamento Blindado” e “A Culpa é das Estrelas”.

Um gênero literário que caiu no gosto do público feminino é o romance. Julia Kristeva (1984) define romance como:

Dá-se por vezes o nome de ROMANCE a estruturas narrativas muito diferentes: há romances gregos, romances cortesões, romances picarescos, romances psicológicos – para mencionar apenas algumas das variedades que a palavra engloba. Todas as narrativas que saíssem do esquema da epopéia ou do conto popular recebiam o nome de romance desde que fossem suficientemente extensas, sem que se tivesse dado às suas particularidades uma definição precisa e satisfatória. (1984, p. 15)

Na década de 70 e 80, haviam os tradicionais livretos com enredos que lembram os romances do século 21, vendidos nas bancas de jornais como

¹ Informação disponível em: <http://classificados.folha.uol.com.br/negocios/2015/03/1602457-mulheres-consomem-mais-pela-internet-do-que-homens-aponta-estudo.shtml> (Acesso em 19/05/2015)

² Informação disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf (Acesso em 09/05/2016)

"Sabrina"³. A partir daí, ocorreu uma popularização do gênero, que se transformou ao longo dos anos.

No Brasil, a literatura erótica ganhou mais conhecimento através da trilogia "Cinquenta Tons de Cinza", de E.L. James, composta por "Cinquenta Tons de Cinza", "Cinquenta Tons Mais Escuros" e "Cinquenta Tons de Liberdade", fenômeno editorial lançado em 2011 que vendeu cerca de 125 milhões de cópias em todo mundo e que gira em torno de uma relação entre a estudante de literatura Anastasia e o rico empresário Christian Grey. A partir daí, diversos outros títulos foram lançados a fim de alcançar o sucesso obtido na venda dos livros da trilogia.

Entretanto, a obra reacende diversos debates acerca da submissão feminina: contendo descrições detalhadas de cenas de sexo, é apresentada uma história em que a protagonista é virgem, e o homem procura uma parceira de perfil submisso para dominar sexualmente, exercendo práticas pouco convencionais na intimidade do casal, tal como o sadomasoquismo. Ela aceita as propostas de Christian, e as páginas discorrem sobre o jogo de poder e submissão que resulta dessa parceria.

O presente trabalho busca compreender as nuances do contexto histórico-social relacionado às mulheres que se utilizam da literatura romancista erótica e, a partir daí, fazer uma reflexão acerca do processo de construção da identidade social feminina.

A fim de encontrar as respostas almejadas, este estudo conta inicialmente com uma pesquisa exploratória, levantamentos bibliográficos, documentais e coleta de dados. Em um primeiro momento, foi realizada uma contextualização do papel da mulher na sociedade e sobre as mudanças que ocorreram nesse segmento ao longo dos últimos anos. Após isso, é feita uma análise do contexto histórico e cultural da estereotipização da mulher na Publicidade e de como isso influencia o comportamento de consumo feminino, incluindo o consumo de livros de romance erótico. Por último, é analisado como a trilogia Cinquenta Tons de Cinza pode influenciar na construção da identidade social feminina em tempos contemporâneos.

³ Informação disponível em: <http://www.livroseopiniao.com.br/2013/02/sabrina-julia-e-bianca-os-famosos.html> (Acesso em 12/05/2016)

Autores como Gilles Lipovetsky, Simone de Beauvoir, Judith Butler, Umberto Eco e Michael Foucault foram fundamentais para compreensão de temas relacionados a questões de gênero e feminismo.

No primeiro capítulo são abordados temas relacionados a indústria cultural, marketing como ferramenta de vendas, cultura de convergência e dados relacionados ao mercado editorial de livros no Brasil e sobre literatura erótica no país e no mundo.

O segundo capítulo serve para agregar conhecimentos relacionados às questões de gênero, mulher e sociedade. Conceitos de identidade social, representação feminina, representação na literatura e análise do discurso também são abordados.

O terceiro capítulo conta com a metodologia utilizada para o desenvolvimento do presente estudo, elencando as definições de pesquisas usadas.

O quarto e último capítulo expõe a análise do discurso do corpus do estudo com base no referencial teórico previamente apresentado.

1. ABORDAGENS TEÓRICAS SOBRE COMUNICAÇÃO E CULTURA

1.1 INDÚSTRIA CULTURAL

O ser humano é capaz de consumir, transformar, elaborar e aprimorar diversas questões relacionadas à sua cultura. Nesse processo, a comunicação se tornou uma ferramenta cada vez mais importante, pois a cultura é transmitida através daquilo considerado como meio de comunicação. O conceito de comunicação pode variar dentro dos diversos contextos a serem utilizados. Etimologicamente falando, comunicação pode ser definida como:

A palavra latina *communicatione*, que, por sua vez, deriva da palavra *commune*, ou seja, comum. *Communicatione* significa, em latim, participar, pôr em comum ou ação comum. Portanto, comunicar é, etimologicamente, relacionar seres vivos e, normalmente, conscientes (seres humanos), tornar alguma coisa comum entre esses seres, seja essa coisa uma informação, uma experiência, uma sensação, uma emoção, etc. (SOUSA, 2006, p. 22)

Ao longo da história, o ser humano desenvolveu e aprimorou diversas formas de se comunicar. O desenvolvimento tecnológico colaborou de forma extremamente positiva para a evolução desse caminho, tornando os meios cada vez mais eficazes em difundir ideias, proporcionando um maior alcance e ocasionando uma difusão de conhecimentos. Os meios de comunicação funcionam como facilitadores para o relacionamento entre pessoas, fato que contribui para a troca de informações e experiências que podem servir como influenciadores em um processo de construção de identidade social. Ao tratar-se desse assunto, um conceito que, de certa forma, na história da humanidade sempre caminhou junto ao de comunicação é o de cultura.

Comunicação e cultura constituem-se, desse modo, em esferas indissociáveis. Impossível pensar a comunicação humana sem a vertente histórica dada pela cultura. Igualmente impraticável compreender os fatos da cultura humana [...] sem considerar as maneiras como eles se transmitem e se conservam no tempo e no espaço da vida. [...] Se a comunicação é construção de vínculos, a cultura é o entorno e a trajetória complexa dos vínculos, suas raízes, suas histórias, seus sonhos e suas demências, seu lastro e sua leveza, sua determinação e sua indeterminação. (BAITELLO, 2005, p. 08)

É possível considerar os grandes meios de comunicação como uma fábrica de padronização cultural. Com o passar do tempo e o surgimento de novas plataformas, o termo “cultura de massa” surgiu a fim de designar a totalidade de

ideias preferidas pelo senso comum, referindo-se originalmente à educação e à cultura de classes inferiores.

A cultura de massa, desde os anos 20 e 30, funcionou como agente de aceleração do declínio dos valores tradicionalistas e rigoristas, desagregou as formas de comportamento herdadas do passado propondo novos ideais, novos estilos de vida fundados na realização íntima, no divertimento, no consumo, no amor. (LIPOVETSKY, 1989, p.222)

No ano de 1940, os filósofos e sociólogos alemães Theodor Adorno e Marx Horkheimer, membros da Escola de Frankfurt, substituíram a expressão anteriormente utilizada (cultura de massa) pelo termo “indústria cultural”. Os autores tinham como objetivo principal definir a cultura imposta ao povo, e não a cultura oriunda do povo e que virava característica daquela sociedade retratada como manifestação cultural. Outro motivo para a mudança do termo foi o fato de os autores acreditarem que a “recém-criada mídia” seria utilizada de forma negativa durante a Segunda Guerra Mundial. (HORKHEIMER; ADORNO, 1975)

Na indústria cultural, o modo de fazer cultura é definido com base do desenvolvimento industrial e tecnológico do século XX e XI. Nesse contexto, a arte é transformada em um produto industrializado, com a finalidade de consumo em larga escala e objetivando o lucro. A mídia exerce um papel significativo nesse processo, pois é imposta à sociedade uma necessidade de consumo por diversas vezes imaginária, incentivando o indivíduo a comprar acreditando no prazer e entretenimento que aquilo vai lhe proporcionar. Nesse caso, o consumo de livros, filmes e músicas é resultado da imposição da indústria cultural.

Há quem veja nesse processo uma democratização da arte e uma capacidade de levar cultura para um maior número de pessoas.

De um lado, para a posição apocalíptica, a Indústria Cultural era pouco mais que um projeto de dominação, colonização, repressão, autoritarismo e engodo das massas. A Indústria Cultural significava uma máquina de imposição da ideologia dominante – ideologia dos dominantes, bem entendido – sobre o resto da sociedade. De outro lado, a posição integrada defende a Indústria Cultural como capaz de democratizar a cultura para as massas. Para estes, ela socializa a informação, educa, abre o acesso aos bens da chamada alta cultura. (ROCHA, 1995, p. 62)

O corpus de estudo do presente trabalho é um bom exemplo das imposições feitas pela indústria cultural, uma vez que a trilogia Cinquenta Tons de Cinza é um produto da cultura midiática.

1.2 PRODUTOS DA CULTURA MIDIÁTICA

Os produtos oferecidos pela indústria cultural buscam satisfazer uma vontade efêmera, provocando em seus consumidores uma sensação de prazer. Também é possível observar uma característica compensatória, onde o indivíduo que adquire determinado serviço ou produto acredita estar “inserido” no meio em que vive, visando principalmente obter “*status*”. (HORKHEIMER; ADORNO, 1975)

Para obter-se lucro na indústria cultural é necessário desenvolver produtos que agradem o maior número de pessoas. Ao falar sobre filmes ou livros, alguns padrões acabaram sendo desenvolvidos ao longo da história da humanidade, como por exemplo, conceitos relacionados aos “vilões e mocinhos” e finais felizes⁴. É possível observar também o fato de que as histórias se tornaram cada vez mais “simples”, com narrativas menos complexas, em uma tentativa de oferecer fácil compreensão daquilo que é abordado.

Com a rotina atribulada do cotidiano, as pessoas se tornaram mais receptivas a tudo aquilo que pode ser facilmente absorvido, que não necessita de atenção por longos períodos ou conhecimento prévio. Tudo o que foge desse padrão é por diversas vezes criticado. A indústria acaba por definir qual tipo de arte será consumida, o que pode resultar em um público que perde a capacidade de julgar, diferenciar ou perceber o que pode ser bom ou ruim. (HORKHEIMER; ADORNO, 1975)

Diversos debates giram em torno de questões éticas. Os produtos da indústria cultural são bons ou ruins para a sociedade? Eles colaboram positivamente no desenvolvimento das habilidades do homem? Por conta disso as pessoas podem perder seu senso crítico? Alguns estudiosos almejam responder a esses questionamentos em estudos aprofundados acerca do tema, buscando sempre contar com a análise do comportamento de consumo dos envolvidos.

A indústria cultural anula o potencial crítico da cultura ao realizar ilusoriamente aquele ideal de liberdade e felicidade por meio de sua mercantilização. A cultura, reduzida a simples valor de troca, deixa de prestar-se à reflexão crítica sobre as condições de existência em que vivem os homens para servir aos propósitos de perpetuação do status quo por meio da acomodação e do conformismo (WEBER, 1998, p. 146).

⁴Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/eor918.pdf> (Acesso em 15/05/2016)

É possível observar que não há necessariamente uma preocupação por parte da indústria em oferecer qualidade, de fato, em um produto. O que existe é uma busca por comercializar em grande escala, mobilizando a máquina mercadológica a fim de massificar o consumo. É notório que, no contexto analisado, existe um sistema de produção que busca atingir o maior número de pessoas possível, oferecendo produtos descartáveis que possuem vida útil apenas até o momento que for interessante do ponto de vista econômico, possibilitando e gerando lucros rápidos.

1.3 TEORIA ESPIRAL DO SILÊNCIO

A socióloga e cientista política alemã Elizabeth Noelle-Neuman desenvolveu a Teoria Espiral do Silêncio, que trata dos efeitos dos meios de comunicação de massa. Para Neuman (1995), o objetivo da teoria é explicar o motivo pelo qual as pessoas permanecem caladas em diversas situações em que existe a sensação de que suas opiniões, visão de mundo ou reflexões filosóficas não vão ao encontro do que se acredita pensar a grande maioria.

Noelle Neumann defendeu que a formação das opiniões majoritárias é o resultado das relações entre os meios de comunicação de massas, a comunicação interpessoal e a percepção que cada indivíduo tem da sua própria opinião quando confrontada com a dos outros. Ou seja, a opinião é fruto de valores sociais, da informação veiculada pela comunicação social e também do que os outros pensam. (SANTOS 1992, apud SOUSA 2000, p.177).

Com isso, entende-se que quanto mais uma opinião é expressa como dominante em determinado contexto, menos a opinião da minoria será transmitida. As ideias dominantes possuem caráter opressor sob as opiniões contrárias, e o silêncio dos indivíduos caracteriza um medo inerente do ser humano de se encontrar isolado em relação ao seu comportamento. À medida que uma pessoa acredita que sua opinião sobre determinado assunto está de acordo com o que ela acredita ser a opinião da grande maioria, maior é a probabilidade desse indivíduo se expressar em público.

Os meios de comunicação voltados para a grande massa exercem um papel fundamental no conceito estudado por Elizabeth Noelle-Neuman (1995) por serem formadores de opinião pública. Diante dessa opinião formatada, aqueles que não concordam entram em “espiral do silêncio”. É possível observar um discurso

homogêneo sobre os mesmos assuntos, difundidos por meios diferentes, mantendo, dessa forma, o padrão da maioria dominante.

O conceito de “espiral do silêncio” vai ao encontro daquilo que é estudado acerca da indústria cultural, pois o objetivo da grande indústria é difundir as ideias associadas aos seus produtos, atingir o maior número possível de pessoas e silenciar aqueles que vão contra aquilo que buscam difundir, sempre almejando o lucro.

1.4 MARKETING COMO FERRAMENTA

Um mecanismo fundamental na divulgação dos produtos da indústria cultural no mercado consumidor é o marketing. Minuciosamente estratégico e planejado, identifica e busca satisfazer necessidades humanas e sociais, tornando-se um importante instrumento de controle social, definindo e criando padrões. De acordo com Jenkins (2006, p.29), “no mundo da convergência de mídias, toda história importante é contada, toda marca é vendida e todo consumidor é cortejado por múltiplas plataformas de mídia”. Essa convergência ocorre dentro da mente dos consumidores individuais e em suas interações sociais. Para tanto, o marketing se faz fundamental.

Na indústria cultural, a cultura é tratada como mercadoria, e o marketing tem como objetivo vender e agregar valor. Criam-se diversas estratégias para manipular os consumidores, e as grandes marcas investem buscando diferenciar o produto que oferecem, concedendo status de beleza e poder. Procura-se criar na cabeça do indivíduo a ideia de que, ao consumir determinado produto, haverá prazer através da aceitação social.

O indivíduo, em busca de se inserir e fazer parte daquilo que considera ser o pensamento da maioria, passa a acreditar que deve adquirir o que lhe está sendo oferecido, tudo isso de forma inconsciente. Esse tipo de comportamento é captado pelo marketing, que através disso, manipula o desejo das pessoas, resultando em uma homogeneização comportamental e em uma massificação do sujeito. (KOTLER, 2010)

1.5 CULTURA DE CONVERGÊNCIA

O ser humano tem a possibilidade de produzir e reproduzir qualquer tipo de conteúdo, tornando o fluxo de informações progressivo, e a mudança de linguagens

e plataformas cada vez mais rápida. Isso é permitido através da cultura de convergência. Jenkins (2009), considerado o maior estudioso da área, acredita que a metamorfose midiática, juntamente à mudança de conteúdos, são características marcantes do atual cenário cultural. Ainda de acordo com o autor, todas as mídias estão convergindo de alguma forma para a internet, o que possibilita aos usuários uma maior troca de informações e experiências. Entretanto, o teórico não acredita que as mídias serão convergidas em um único aparelho. Para ele, a convergência se refere à produção, à veiculação e ao consumo das mídias:

Bem-vindo à cultura da convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde a mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produto de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (JENKINS, 2009, p.29)

A convergência deve ser tratada como um processo cultural. Ela faz referência ao fluxo de ideias, pensamentos, reflexões, imagens, sons e marcas através do maior número de canais midiáticos possíveis. A cultura de convergência depende da efetividade e da competência tecnológica das novas mídias, a fim de abrir caminhos para interatividade entre os envolvidos. Cabe também analisar a capacidade dos produtos e serviços de incitar a interação e o interesse dos indivíduos em interagir. Pressupõe-se que deva existir a criação de manifestações que induzam à reflexão de ideias, interpretações e representações de um objeto, sendo capaz de atrair o interesse e atenção dos indivíduos.

A cadeia de conteúdos e produtos culturais busca se reconfigurar a fim de atender as demandas que o próprio público produz. Quanto maior sucesso determinado produto faz, maior é a quantidade de conteúdo que gira em torno dele e maior a característica transmidiática relacionada. Entretanto, também é notável o fato de que tudo aquilo que é mais repercutido ou visualizado se torna um alvo fácil para críticas. As interações se tornaram mais diretas e dinâmicas, e o público caminha gradativamente ao encontro da indústria cultural. (JENKINS, 2009)

A transmídia é tudo aquilo que se move de uma mídia para outra, é muito importante em meio ao cenário em que a sociedade vive e é utilizada como ferramenta de marketing a fim de propagar ideias para as pessoas de forma efetiva, utilizando-se de recursos que chamem e prendam a atenção. Cada tipo de mídia possui uma característica própria, que juntas irão contribuir para a construção do enredo desejado. A convergência não se aplica apenas ao meio em que a

mensagem será veiculada, mas no modo como será produzida para atingir determinado público. (JENKINS, 2009)

Como será posteriormente apresentado, acredita-se que um dos maiores exemplos de transmídia da contemporaneidade é o corpus desse estudo, Cinquenta Tons de Cinza.

1.6 MERCADO EDITORIAL

Com o avanço das tecnologias e dos meios de comunicação de massa, pode-se observar um processo de mudança nas artes. Cada vez mais, a obra perde seu valor, deixando de provocar nos seres a reflexão pretendida. É possível definir a literatura não apenas como forma de entretenimento, mas como um artifício usado para mostrar aquilo que não é mostrado e aprimorar o olhar para que se possa enxergar sutilezas na realidade em que a sociedade vive.

Entretanto, em uma sociedade em que a obra de arte virou apenas uma mercadoria, pode-se observar que a nova onda de livros, cujo objetivo é o entretenimento, é resultado de um pós-modernismo capitalista. Existe uma alienação proporcionada pelos meios de comunicação, em que se almeja massificar a produção intelectual da sociedade e inseri-la em um contexto onde ações de comportamento são pré-determinadas. Houve de fato uma mudança na quantidade e na qualidade dos produtos oferecidos, diminuindo por muitas vezes a variação e a autenticidade dos mesmos⁵.

Quando o assunto é livros, é possível perceber nitidamente os efeitos ocasionados pela influência da indústria cultural. O grande objetivo passou a ser fazer com que uma obra se torne um *best-seller*⁶, onde autores escrevem histórias que se encaixem em uma padronização em busca de vender mais. São histórias em sua maioria, superficiais e simples, que não induzem o leitor a uma reflexão profunda acerca do tema abordado.

Apesar do cenário econômico brasileiro instável, o mercado editorial cresce exponencialmente a cada dia. De acordo com dados divulgados pelo Sindicato

⁵Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/12/cultura/1426190976_172005.html (Acesso em 17/05/2016)

⁶ Termo que surgiu nos Estados Unidos e foi disseminado pelo mundo a fim de fazer referência aos livros que se configuram como fenômenos de venda.

Nacional dos Escritores, houve um faturamento de 3,9%⁷ no ano de 2015, e o ano de 2016 já iniciou com faturamento superior se comparado à mesma época no ano anterior. Ainda de acordo com a pesquisa, títulos voltados para o entretenimento rápido e mais interativo estão em alta, pois o livro se tornou uma alternativa de lazer e entretenimento viável ao longo dos últimos anos. Entretanto, é possível visualizar que o brasileiro ainda lê pouco: de acordo com a última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2012, são lidos em média dois livros por ano pelos brasileiros.⁸

O número de publicações de livros eróticos é o maior desde a última década. A venda desse gênero teve seu ápice no ano de 2012, com o lançamento da trilogia Cinquenta Tons de Cinza, de E.L. James. Se aproveitando disso, é perceptível que o mercado editorial segue em busca de fabricar obras semelhantes com o objetivo de atingir o sucesso alcançado pelo *best-seller*. O crescimento desse tipo de publicação é atribuído a dois fatores principais: na contemporaneidade, o sexo se tornou cada vez mais recorrente nas narrativas; além do fato de que os maiores consumidores de livros são as mulheres.⁹

1.7 LITERATURA ERÓTICA

A literatura erótica é um gênero literário que se utiliza do erotismo em sua escrita. Embora seja um gênero submetido à censura por diversas vezes ao longo da história da humanidade por ser considerado fora dos padrões e até mesmo pecaminoso, o erotismo e o sexo sempre estiveram presentes na história da literatura. Alexandrian (1994), em seu livro História da Literatura Erótica, diz que os autores costumavam escrever sem ter vergonha de expor seus pensamentos a respeito do sexo, pois consideravam natural esse assunto. George Bataille (1987) acredita que o erotismo é fruto das expressões artísticas que fazem parte da sociedade e diferencia o erotismo do homem e do animal:

⁷Reportagem disponível em: <http://exame.abril.com.br/negocios/dino/noticias/jogos-olimpicos-e-crise-economica-aquecem-o-mercado-editorial-brasileiro.shtml> (Acesso em 15/05/2016)

⁸ Pesquisa disponível em: http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf (Acesso em 15/05/2016)

⁹Informação disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-intimidade-da-nova-literatura-erotica-eblrbijq571arqub857we34e> (Acesso em 17/05/2016)

A atividade sexual dos homens não é necessariamente erótica. O erotismo do homem difere da sexualidade do animal justamente no ponto em que põe a vida interior do homem em questão. Aquilo que põe nele o ser em questão. A própria sexualidade animal introduz um desequilíbrio, mas o animal não o sabe, nele nada se abre que se assemelha com uma questão. (BATAILLE, 1987, p. 20).

Ao traçarmos uma linha do tempo a partir do Império Romano, um clássico erótico importante é “Satíricon”, de PetroniusArbiter, e que pode ser considerado uma crítica à política e aos costumes da Roma antiga. No período medieval, é possível citar a obra “Decamerão”, escrita por Giovanni Boccaccio em 1353 e que mostra histórias sobre sedução e luxúria praticadas por monges em conventos. Livro proibido em diversos países, a obra também foi transformada em filme e inspirou outras histórias relacionadas à ficção erótica, como “Heptameron”, de Margarida de Angoulême. (ALEXANDRIAN, 1994)

No século XVIII houve uma ascensão da popularidade dos romances, principalmente na Inglaterra. Nessa época, um dos livros mais famosos foi “Fanny Hill”, de John Cleland. Considerado o primeiro romance erótico da modernidade e também adaptado para o cinema, a história possui formato de cartas e é narrada em primeira pessoa. O livro não agradou os religiosos da época, resultando até mesmo na prisão dos editores e impressores da obra, acusados de obscenidade. No final do século XVIII, um dos autores consagrados por suas escritas libertinas foi Donatien Alphonse François de Sade, mais conhecido como Marquês de Sade. O autor produziu grande parte de suas obras enquanto estava preso, e seu nome deu origem ao termo *sadismo*, que significa a perversão caracterizada pela obtenção de prazer sexual com a humilhação ou sofrimento físico de outrem. Em suas histórias, pode-se observar inclusive registros de pedofilia e práticas coprofílicas (relacionadas às fezes humanas). (ALEXANDRIAN, 1994)

No Brasil, a autora Odete Rios, conhecida pelo pseudônimo de Cassandra Rios, teve sua obra censurada pela ditadura militar (1964-1985). Suas histórias eróticas eram consideradas impróprias pelo regime, que chegou a apreender 33 dos 36 livros publicados por ela. Nelson Rodrigues também apostava em uma temática similar e era conhecido como “anjo pornográfico” devido ao forte apelo erótico em seus livros. *Asfalto selvagem* foi uma de suas obras mais famosas.¹⁰

¹⁰ Informação disponível em: <http://br.blastingnews.com/cultura/2015/03/conheca-cassandra-rios-a-escritora-brasileira-mais-perseguida-pela-ditadura-militar-00324509.html> (Aceso em 17/05/2016)

As relações sexuais explícitas nos livros relacionados à literatura erótica eram consideradas como erradas e até mesmo proibidas. Era estranho observar mulheres vivendo a sua própria sexualidade de forma livre e sem pudores. Com o passar do tempo e a ascensão de novos meios de comunicação como a internet, outra terminologia foi adotada para definir a literatura erótica: o *romance hot*. Os romances eróticos contemporâneos em geral são marcados por girarem em torno de uma mulher submissa e ingênua, que encontra um homem sedutor e dominador em busca de satisfação de seus desejos sexuais.¹¹

É possível observar, assim, que a tradicional fórmula dos contos de fadas, onde a mocinha encontra o príncipe encantado e vivem felizes para sempre ainda é a grande aposta do mercado editorial, apesar das histórias de agora contarem com artifícios diferentes para chamar a atenção como, por exemplo, as pitadas de erotismo e sensualidade (ALEXANDRIAN 1994).

¹¹ Informação disponível em: http://oraculodoslivros.com.br/por_categoria/romanceadulto/ (último acesso em 15/05/2016) (Acesso em 17/05/2016)

2. GÊNERO, MULHER E SOCIEDADE

2.1 DESCONSTRUINDO A CONCEPÇÃO DE GÊNERO

A lógica ocidental trata o gênero como uma questão binária. Ou seja, divide-se sempre em dois opostos: homem ou mulher, masculino ou feminino e macho ou fêmea. Seguindo essa lógica, o indivíduo nasce com características biológicas que o colocam como parte do sexo feminino ou masculino. Para tanto, o sexo se define biologicamente através da genitália, dos cromossomos e dos hormônios da pessoa. (BUTLER 2003) Entretanto, o sexo não determina por si só a identidade de gênero de um sujeito. É possível ter identidades que se mostram como diferentes representações, fugindo do padrão homem ou mulher, como é o caso dos transgêneros, que se identificam com o gênero diferente do que lhes foi atribuído ao nascer.

Existe também a ideia da relação entre sexo e gênero ou identidade e sexualidade. Acredita-se que, a partir do gênero determinado, há um padrão de sexualidade. Entretanto, é possível observar comportamentos sexuais que mostram que essa relação não existe, sendo o gênero insuficiente para definir a orientação sexual de alguém.

"Gênero" abrange o aspecto relacional entre as mulheres e os homens, onde nenhum dos dois pode ser compreendido em estudos que os considerem em separado. (SOIHET, 2011) É possível dizer que a definição de gênero incorpora conceitos relacionados a fenômenos históricos, culturais, sociais, políticos, econômicos e psicológicos, tratando de características pertencentes aos seres humanos.

Em diversas situações, os conceitos de sexo e gênero são utilizados como sinônimos, entretanto, servem para distinguir a condição biológica determinante do sexo das construções sociais e identitárias que envolvem uma autopercepção do indivíduo. De acordo com a ideologia de gênero, não existe diferença ontológica entre homens e mulheres. Marguerite A. Peeters (2012), em seu livro intitulado "O gênero: uma norma política e cultural mundial", disserta sobre o assunto:

A identidade, masculina ou feminina, não estaria inscrita na natureza: ela seria resultado de uma construção social, um papel que os indivíduos desempenham por meio de tarefas e funções sociais. [...] o gênero é performativo e as diferenças homem-mulher são apenas opressões normativas, estereótipos culturais e construções sociais que é preciso desconstruir para se chegar à igualdade. (PEETERS, 2012, p. 7).

O psicólogo e sexólogo John Money (1995) introduziu o primeiro conceito de gênero, ao utilizar o termo para se referir a uma identidade sexual que não coincide com a identidade biológica. A partir daí, estabeleceu-se então uma diferença entre o uso dos termos sexo e gênero.

Pode-se considerar que gênero é um processo de desconstrução, sendo um conceito que faz parte de um complexo fenômeno cultural. Não é possível ligar o conceito a um único autor ou obra, uma vez que seu conteúdo cresce a cada dia e novas observações e teorias acerca do assunto são desenvolvidas.

As discussões relacionadas aos problemas de gênero servem como importante reflexão para o feminismo. Em uma das ideias relacionadas ao tema, surgiu a célebre frase “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1949, p.29). De acordo com Beauvoir (1949), a cultura define qual o papel da mulher em uma sociedade.

(PEETERS 2012) também disserta acerca do feminismo. Para a estudiosa, a família, o casamento e a maternidade são a origem da opressão e da dependência da mulher. A autora ainda acredita que o conceito foge à teoria biológica e esbarra em uma construção cultural, fugindo do conceito determinista que existia no final do século 19. A partir dessa fala, é possível reafirmar que “ser mulher” é uma construção social e cultural. A filósofa estadunidense Judith Butler (2003) acredita que o gênero é uma produção social, desenvolvido ao longo da vida do indivíduo, não como atributo fixo, mas como uma variável e não voltado para reprodução.

Judith Butler, em seu livro “Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade” (2016), considera que, além de distinguir sexo de gênero, é preciso atentar para uma “compulsão cultural” em que tornar-se mulher ganhou proporção, pois social e culturalmente presume-se que um quem nasce com um corpo do sexo feminino, irá pertencer necessariamente ao gênero feminino.

[...] não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; consequentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva. (BUTLER, 2016, p.27)

A autora também utiliza-se da premissa desenvolvida por Michel Foucault a respeito dessa problemática:

Na história da sexualidade 1, Foucault argumenta que o construto unívoco do “sexo” (a pessoa é de um sexo e, portanto, não é do outro) é (a) produzido a serviço da regulação e do controle sociais da sexualidade; (b) oculta e unifica artificialmente uma variedade de funções sexuais distintas e não relacionadas; e (c) então aparece no discurso como causa, como um essência interior que tanto produz como torna inteligível todo tipo de sensação, prazer e desejo como específicos de um sexo. Em outras palavras, do ponto de vista causal, os prazeres corporais não são meramente redutíveis a essa essência aparentemente específica do sexo, mas se tornam prontamente interpretáveis como manifestações ou signos desse sexo. (BUTLER, 2016, apud FOUCAULT, 1976, p. 166).

Os estudos relacionados às questões de gênero acompanham diferentes momentos da história dos movimentos feministas no Brasil. Em meados dos anos setenta, após os anos difíceis da ditadura militar no país, as mulheres davam os primeiros passos em busca de uma maior abertura em diversas áreas de atuação. O interesse pela temática feminista aumentou, e aos poucos os movimentos começavam a criticar a condição feminina no país.

Essa condição feminina sofreu diversas mudanças ao longo dos últimos tempos. É passível observar que a mulher deixou de ser “escrava” da procriação, passou a exercer atividades profissionais, conquistou o direito ao voto e, principalmente, conquistou o direito à educação. Entretanto, apesar do árduo e difícil percurso percorrido até aqui, ainda é possível observar diversas formas de preconceito e disparidades existentes. A forma de socialização e individualização da mulher se transformou, gerando, a partir disso, novas formas de identificação social. (LIPOVETSKY, 2000)

As mudanças que ocorreram principalmente a partir da metade do século 21 são notórias e cada vez mais significativas: “Sem dúvida, nenhuma revolução social de nossa época foi tão profunda, tão rápida, tão rica de futuro quanto a emancipação feminina”. (LIPOVETSKY, 2000, p. 11). Essas mudanças ocasionaram uma expansão nos estudos relacionados a questões de gênero, com abordagens mais específicas e voltadas para o feminino.

Em pleno século 21, ainda é possível observar rígidos padrões femininos e masculinos. Se um bebê nasce pertencente ao sexo feminino, as roupas, o quarto e os presentes são geralmente associados à cor rosa. Para meninos, os brinquedos geralmente são carrinhos, e para as meninas, bonecas ou coisas de cozinha. Na

escola, meninos e meninas são separados em diversas atividades, como, por exemplo, nos esportes. É possível considerar o gênero como uma construção social desde a infância a partir de experiências vividas e que permitem que um papel na sociedade seja exercido.

2.2 IDENTIDADE SOCIAL

A identidade social pode ser caracterizada pela forma como os indivíduos enxergam a si próprios. É o “eu” influenciado pela forma que os outros veem. Anteriormente acreditava-se que a identidade social era algo construído coletivamente, influenciado pela classe social do sujeito e consequência de uma estrutura social. Sendo assim, por diversas vezes foi considerada imutável (BUTLER, 2016). Em oposição a esse conceito, existem aqueles que acreditam que a identidade social é influenciada pelas relações sociais entre indivíduos de uma mesma sociedade, vista como algo construído individualmente, dinâmico e instável.

Pode-se considerar que o ser humano dispõe de diversas fontes que colaboram na construção de sua identidade, definindo a si próprio a partir de escolhas e experiências vividas, independente da estrutura social em que se encontra. Na sociedade contemporânea, em que se vive uma dinamicidade, instabilidade e flexibilidade cada vez maiores, as escolhas se tornam mutáveis. A mudança de padrões e valores proporciona ao indivíduo a capacidade de moldar sua identidade com uma determinada liberdade que até pouco tempo atrás não existia.

A identidade é uma característica da experiência humana, pois possibilita sua constituição como sujeito no mundo social. O gênero, como sendo a identidade em que uma pessoa se visualiza e se autodetermina, é independente do sexo e está relacionado ao papel do ser na sociedade e de como ele se reconhece no meio em que vive. Pode-se assim dizer que a identidade não está relacionada à biologia, e que pode ser considerada como fenômeno social. Butler (2016) disserta sobre o assunto em seu livro “Problemas de Gênero”:

O que pode então significar “identidade”, e o que alicerça a pressuposição de que as identidades são idênticas a si mesmas, persistentes ao longo do tempo, unificadas e internamente coerentes? Mais importante, como essas suposições impregnam o discurso sobre as “identidades de gênero”? Seria errado supor que a discussão sobre a “identidade” deva ser anterior à discussão sobre a identidade de gênero, pela simples razão de que as

peessoas só se tornam inteligíveis ao adquirir seu gênero em conformidade com padrões reconhecíveis de inteligibilidade do gênero. (BUTLER, 2016, p. 42).

Se faz cada vez mais importante compreender sobre a diversidade de identidades de gênero, pois na sociedade a intolerância e o preconceito são vigentes, proporcionando, àqueles classificados como fora do padrão, sentimentos de culpa, medo e exclusão.

2.3 REPRESENTAÇÃO FEMININA

A etimologia da palavra “representação” vem do latim *representare*, que significa fazer presente ou apresentar de novo. (MAKOWIECKY, 2003) Pode-se fazer presente algo, alguém ou ideia ausente, por intermédio da presença de um objeto ou figura. A representação é um processo em que há um representante que poderá ocupar o lugar de quem representa e constitui aquilo por meio do qual se conhece algo. Pode ser entendida como uma forma em que a realidade é organizada na mente do indivíduo expressa em comportamentos e práticas sociais e pode ser retratada como imagens, conceitos, categorias, teorias.

A partir das representações pode-se observar as realidades que definem a existência da sociedade, por isso, o conceito se tornou fundamental para os estudos relacionados à cultura. Segundo Sperber (1985), o conceito de representação é utilizado como sinônimo de signo:

Devemos distinguir dois tipos de representação: há representações internas ao dispositivo do processo informativo, isto é, representações mentais, e há representações externas ao dispositivo [...], isto é, representações públicas, [...] Há, então, duas classes de processos [...]: processos intra-subjetivos de pensamento e memória, e processos intersubjetivos através dos quais as representações de um sujeito afetam as representações de outros sujeitos através de modificações dos seus ambientes comuns. (SPERBER, 1985, apud SANTAELLA, 1998, p.16).

O ato de representar é condicionado a um conjunto de símbolos compartilhados, que atribuem sentido ao mundo e, por meio de tais representações, constroem identidades. São importantes para compreendermos contexto social, cultural, histórico, material e ideativo em que a sociedade vive e possibilitam a comunicação.

Logo, a representação do feminino é regida por convenções que sofreram algumas mudanças ao longo dos últimos tempos, fato que se deve a entrada da mulher no mercado de trabalho, acesso à educação, conquista do direito ao voto,

etc. Entretanto, ainda se faz necessário observar alguns aspectos da representação feminina em diversos âmbitos.

A mulher, diversas vezes, é associada à imagem de fragilidade, principalmente relacionada à sexualidade. Estereótipos são impostos a todo momento e, frequentemente, as pessoas tomam aquilo que lhes é apresentado como verdade absoluta sem questionar. A mulher é colocada como interesseira, vaidosa em excesso, competitiva, sem capacidade para questionar e, principalmente, sempre pronta para atender às vontades dos homens que a cercam. (LIPOVETSKY, 2000)

O feminismo proporcionou uma maior liberdade para as mulheres se manifestarem contra a forma que são representadas pela sociedade, permitindo que houvesse mais debates sobre o tema e mudando a passos lentos o contexto no qual estão inseridas. A imagem da mulher é estereotipada pelas diferentes mídias que trabalham em cima da construção social do feminino, baseando-se em critérios preestabelecidos socialmente em que é imposta uma imagem idealizada. Esses estereótipos objetificam e oprimem, transformando, por consequência, a identidade social. (LIPOVETSKY, 2000) Etimologicamente, o termo estereótipo deriva de das palavras gregas: stereos (que significa “rígido”) e túpos (“traço”).

2.4 REPRESENTAÇÃO E LITERATURA

De acordo com Roland Barthes (1978, p.18), a literatura busca imitar realidade: “é nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real”. Ou seja, uma representação do real.

Ao analisar a literatura sob a ótica da representação, é possível discutir questionamentos relacionados à identidade e à cultura do contexto ficcional que é construído pelo autor da obra. A literatura é um dos recursos disponíveis para representação da realidade. De natureza simbólica, ela se refere ao real e às coisas reais. A literatura tem a capacidade de, através da escrita, apontar para o imaginário a fim de compreender o universo criado pela linguagem, não se referindo unicamente ao real concreto, mas permitindo ao leitor que chegue até ele por meio das experiências proporcionadas. (LUKÁCS apud LEITCH, 2001)

A literatura transmite ao indivíduo o conhecimento sobre determinada realidade, e representação nesse caso pode ser considerada como a demonstração de ações. Ela tem a capacidade descobrir e difundir novas ideias, não se limitando em reproduzir ou refletir a realidade, mas sim em abrir novos horizontes contribuindo para a construção de uma identidade social e construindo seu discurso através do imaginário. (LUKÁCS apud LEITCH, 2001)

Podendo ser considerada como manifestação cultural e fonte de pesquisa, a literatura está enraizada na sociedade. É a partir de contextos culturais, políticos, econômicos, condições de espaço e tempo em que o autor cria uma história, utilizando de diferentes signos linguísticos para atrair e entreter leitores. O universo literário contribui para a constituição de valores, discursos e memórias.

2.5 ANÁLISE DO DISCURSO

Através da Análise do Discurso, é possível analisar a estrutura de um determinado texto e, a partir disso, entender quais são as construções ideológicas presentes dentro do contexto social analisado. É possível observar que as ideologias constatadas estão diretamente ligadas ao contexto social em que o autor vive, sendo assim, resultado de uma construção de características sociais, como retrata Michel Foucault (1996) em seu livro *A ordem do discurso*:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e terrível materialidade. (FOUCAULT, 1996, pp. 8-9).

Para o autor, a base estrutural do texto é o contexto político-social da sociedade, onde qualquer elemento se faz fundamental para a compreensão e a análise eficaz do todo para chegar a fazer sentido ao receptor da mensagem. O objetivo é transmitir determinada mensagem e alcançar aquilo que se almeja com a construção do discurso.

Ao tratar dessa construção, Roland Barthes (1978) acredita que as relações de poder sempre estiveram presentes na história do homem, e o objeto em que se inscreve é a linguagem, que se pode observar como uma legislação, em que a língua é o código. Através da linguagem, é possível observar tudo aquilo que é dito ou não-dito no discurso. É importante analisar qual caminho será percorrido na

busca por questionamentos de sentidos estabelecidos, sejam eles verbais ou não verbais, conforme aponta ORLANDI (2005).

É possível observar que os sentidos vão além daquilo que é transmitido explicitamente no discurso. Até mesmo a posição das palavras pode influenciar, e é nas entrelinhas que se encontra a verdadeira formação discursiva. Eni Orlandi, pioneira em Análise do Discurso no Brasil, afirma que “[...] há uma dimensão do silêncio que remete ao caráter de incompletude da linguagem: todo dizer é uma relação fundamental com o não dizer” (ORLANDI, 1992, p. 12).

Entretanto, cabe ressaltar que não deve haver uma busca singular pelo implícito. O objetivo principal deve ser o de sempre tentar compreender como aquilo é passado para que, por consequência, se encontre o sentido. O “silêncio” e o “dito” na literatura são extremamente importantes para entender as representações em uma sociedade. Dessa forma, o discurso orienta uma percepção da realidade e ajuda a qualificar o mundo.

A mulher foi repreendida sexualmente ao longo da construção de sua identidade social em diversos momentos, quando acreditava-se que sua única função era a de reproduzir e não sentir prazer. Tudo isso reflete uma ideologia com base em uma sociedade patriarcal, preconceituosa e excludente. A repetição desse tipo de discurso reforça negativamente o papel imposto à mulher ao longo do tempo, em que suas principais atividades estão relacionadas ao lar, aos filhos e à submissão ao homem.

Na sociedade contemporânea, pode-se observar ligeiras, porém significantes, mudanças nesses padrões. Entretanto, apesar de ganhar mais espaço e lutar cada dia mais por uma desconstrução da imagem de submissão e fragilidade feminina, a mulher ainda sofre diversos tipos de preconceitos com base em estigmas.

2.6 NARRATIVA

A narrativa é um tipo de manifestação que acompanha a humanidade desde os primórdios. Podem ser consideradas como narrações as gravações em pedras no tempo das cavernas, os mitos e até mesmo a Bíblia. Toda narrativa possui elementos fundamentais, que são eles: enredo, personagens, tempo, narrador e espaço (GANCHO, 2002). Sobre esse conceito, Roland Barthes afirma que:

[...] a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, nunca houve em lugar nenhum povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm as suas narrativas, muitas vezes essas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, até mesmo opostas: a narrativa zomba da boa e da má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está sempre presente, como a vida. (2002, pp. 103-104).

Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau explicam que para que haja narrativa, “inicialmente é preciso a representação de uma sucessão temporal de ações”. (2003, p. 342) Ao tratar de narrativas em prosa, os mais conhecidos são o romance, novelas e contos. O romance se trata de uma narrativa longa, com tempo e espaço mais percorridos. Podem ser classificados quanto à temática, que pode variar entre policial, aventura, erótico, pornográfico, entre outros. (GANCHO, 2002)

De acordo com a pesquisadora Cândida Vilares Gancho (p.7, 2002): “Embora haja romances que datem do século XVI (D. Quixote, por exemplo), este tipo de narrativa consagrou-se sobretudo no século XIX, assumindo o papel de refletir a sociedade burguesa.”

O filósofo e linguista Tzvetan Todorov afirma que os escritores de romance atuais se distanciaram da forma em que a história era escrita antigamente:

Os romancistas atuais se afastam da velha e boa narrativa, não seguem mais suas regras, por razões sobre as quais ainda não se chegou a um acordo: seria por perversidade inata da parte desses romancistas, ou por vã preocupação de originalidade, por obediência cega à moda? (2003, p. 105).

Partindo dessa premissa, pode-se perceber a influência da indústria cultural no processo de construção narrativa contemporâneo, uma vez que os autores buscam cada vez mais seguir uma receita em busca de sucesso.

2.6.1 *ENREDO*

De acordo com Gancho (2002), enredo é o conjunto de fatos de uma narrativa. Entender sua estrutura e sua natureza ficcional é fundamental para a compreensão da trama como um todo. Para tanto, se faz uso da verossimilhança, que é a lógica interna do enredo e o que torna a história verdadeira para o leitor:

Os fatos de uma história não precisam ser verdadeiros, no sentido de corresponderem exatamente a fatos ocorridos no universo exterior ao texto, mas devem ser verossímeis; isto quer dizer que, mesmo sendo inventados, o leitor deve acreditar no que lê. Esta credibilidade advém da organização lógica dos fatos dentro do enredo. Cada fato da história tem uma motivação

(causa), nunca é gratuito e sua ocorrência desencadeia inevitavelmente novos fatos (consequência). (p. 10, 2002).

Em uma análise de narrativa, a verossimilhança é perceptível quanto ao desenvolvimento da trama: cada fato acontecido tem uma causa, que gera uma consequência. O elemento estruturador do enredo é o conflito, que permite ao leitor criar expectativas. GANCHO (2002, p.10) afirma que “conflito é qualquer componente da história que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor”.

Em termos gerais ao se tratar do conflito presente em uma narrativa, há uma exposição, que é a apresentação do fato inicial; uma complicação, que é o problema que surge a partir da exposição; o clímax, que é o ponto alto da história; e o desfecho, que é como termina.

2.6.2 *PERSONAGENS*

Os personagens de uma narrativa são aqueles que realizam ações e são responsáveis pelo desempenho do enredo. Podem ser caracterizados e analisados de acordo com sua classificação: protagonista (herói ou anti-herói), antagonista, personagens secundários, personagens planos ou redondos (GANCHO, 2002).

O protagonista é aquele que desempenha o papel principal em uma narrativa; o antagonista é o que se opõe ao protagonista, com ações diretamente opostas e que, geralmente, é considerado como vilão; os personagens secundários são os que possuem uma menor participação no enredo; os personagens planos são aqueles menos complexos, que possuem poucas características marcantes; já os personagens redondos possuem maior complexidade e maior quantidade de características, que podem ser morais, sociais, ideológicas ou psicológicas (GANCHO, 2002).

2.6.3 *TEMPO E ESPAÇO*

O enredo está conectado ao tempo em vários níveis, de acordo com Gancho, (2002). É preciso considerar o tempo em que se passa a história e sua duração. Já o espaço é onde se passa a narrativa e serve, principalmente, para situar o leitor. Ainda de acordo com Cândida Vilares Gancho (2002, p. 23), “O termo espaço, de um modo geral, só dá conta do lugar físico onde ocorrem os fatos da história; para

designar um "lugar" psicológico, social, econômico etc., empregamos o termo ambiente”.

2.6.4 NARRADOR

O narrador é quem estrutura a narrativa, podendo ser analisado a partir da perspectiva em que ele está na história. Pode ser em primeira (narrador personagem) ou terceira pessoa. (GANCHO, 2002). Roland Barthes lembra que “narrador e personagens são essencialmente “seres de papel”; (BARTHES, 2001, p. 138) O autor (material) de uma narrativa não pode ser confundido em nada com o narrador desse texto. Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau dissertam sobre o assunto e fazem uma distinção entre narrador e narratário:

A narratologia distingue o narrador do narratário e, sobretudo, a partir dessas duas posições, seu grau de representação lingüística. Pode-se distinguir o narratário (personagem daquele que escuta ou lê uma narrativa) do destinatário da narrativa (pessoa não representada, mas postulada e objetivada pelo ato de narração). Da mesma maneira, a voz narrativa é a instância narradora não representada e o narrador é essa instância atualizada sob a forma de uma pessoa/personagem. (2003, p. 343).

Na trilogia Cinquenta Tons de Cinza, a narração ocorre em primeira pessoa, tendo como característica principal do narrador o protagonismo.

3. METODOLOGIA

A metodologia de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) deve estar adequada aos objetivos da investigação e à natureza do estudo ser realizado. Segundo Bruyne (1991, p.48), “a metodologia é a lógica dos procedimentos científicos em sua gênese e em seu desenvolvimento [...]”, não se reduz, portanto, a uma “metrologia” ou tecnologia da medida dos fatos científicos. O método nos permite encontrar formas de alcançar o objetivo proposto inicialmente, fornecendo ferramentas que colaboram para encontrar respostas para a questão.

Bruyne (1991) ainda afirma que a metodologia deve ajudar a explicar não apenas os produtos da investigação científica, mas principalmente seu próprio processo, pois suas exigências não são de submissão estrita a procedimentos rígidos, mas antes da fecundidade na produção dos resultados. Para tanto, se faz necessário o conceito de pesquisa, definido por Antônio Carlos Gil como:

[...] o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema. (2002 p. 17).

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) contou com pesquisa bibliográfica que, de acordo do Antônio Carlos Gil (2002, p. 21), “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos [...]”. Essas fontes permitiram abordar temas como o papel da mulher na sociedade de consumo contemporânea. Após isso, foi realizada uma análise em busca de aprofundar características do corpus de estudo e trazer algumas explicações e teorias acerca do tema.

O corpus do estudo é a trilogia Cinquenta Tons de Cinza, de onde foram retirados trechos dos livros para análise. Os critérios para escolha foram baseados em momentos considerados como “importantes” para o enredo da história. As passagens foram observadas não apenas de forma individual, mas também dentro do contexto presente na narrativa.

Sigmund Freud (apud SILVERSTONE, 2005) afirmou certa vez que, para compreendermos a realidade em que vivemos, podemos estudar com afinco um fenômeno isolado e, a partir daí, procurar compreender o que as especificidades

encontradas podem dizer sobre o todo. Nesse sentido, foram apresentadas informações que contribuíram para o entendimento do que é o fenômeno Cinquenta Tons de Cinza, contando com o levantamento de dados e a coleta de informações que colaboraram para caracterização e entendimento do corpus.

A trilogia Cinquenta Tons de Cinza foi escolhida como objeto de estudo por ser considerada um dos grandes fenômenos da indústria cultural nos últimos cinco anos, vendendo milhares de exemplares em diversos lugares do mundo, ganhando até mesmo uma adaptação cinematográfica. A história também foi considerada como romance britânico mais vendido de todos os tempos.¹²

Procurou-se analisar a representação feminina presente na narrativa, assim como cogitar a influência que essa imagem construída pode exercer na vida das leitoras. Para o desenvolvimento deste estudo, o discurso literário foi analisado em contraposição àquilo já elaborado sobre “ser mulher” por autores consagrados no assunto.

¹² Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/cinquenta-tons-de-cinza-e-o-romance-britanico-mais-vendido-da-historia> (Acesso em 21/05/2016)

4. ANÁLISE

4.1 OBJETIVO DO ESTUDO

O objetivo principal do presente estudo é entender o motivo de a trilogia Cinquenta Tons de Cinza fazer tanto sucesso entre as mulheres, mesmo a história girando em torno de um romance sadomasoquista e machista¹³.

É sempre interessante quando a mulher contemporânea se apresenta como uma figura forte, independente e capaz de realizar multitarefas. Entretanto, cabe o questionamento: será que as mulheres realmente se sentem bem nessa posição? Quando um livro com a temática do Cinquenta Tons se torna um *best-seller* quase um século depois de as mulheres se rebelarem contra o papel de submissa que lhes era imposto, tendo lutado fortemente por um lugar de igualdade de direitos, inclusive de acesso ao prazer, se faz necessário estudos para compreender o fenômeno. Em meio às diversas discussões feministas que entraram em pauta no últimos tempos, são propostos diversos tipos de reflexões acerca da situação e que nos permitem entender um pouco mais do meio social.

4.2 CORPUS: CINQUENTA TONS DE CINZA

O final do ano de 2011 foi marcado pelo lançamento do grande sucesso editorial intitulado Cinquenta Tons de Cinza. O livro, considerado romance erótico, reacendeu algumas discussões. Após a eclosão do movimento feminista no século passado e todo o processo de emancipação feminina, a mulher conquistou lentamente algumas vitórias, como o direito ao voto, destaque em atividades intelectuais, entrada no mercado de trabalho e o direito de não ser vista apenas como uma figura do lar. Tendo isso por entendido, o que leva ao sucesso uma publicação em pleno século 21 em que a protagonista deve se colocar como submissa em relação a um homem?

A trilogia Cinquenta Tons de Cinza é composta por “Cinquenta Tons de Cinza” (2011), “Cinquenta Tons mais Escuros” (2012) e “Cinquenta Tons de Liberdade” (2012), foi escrita pela autora britânica Erika Mitchell, mais conhecida

¹³ Àquele que se pauta pelo machismo. Machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher. (DRUMONT, 1980)

como E.L James¹⁴. O enredo da história gira em torno do multimilionário Christian Grey e da jovem Anastasia Steele: após entrevistar o rico empresário para o jornal da faculdade em que a amiga estuda, Anastasia se apaixona por ele e, pouco tempo depois, os dois passam a ter um relacionamento.

Entretanto, Christian propõe uma relação repleta de sadismo, masoquismo e bondage, conceitos posteriormente abordados. Anastasia se sente atraída pela beleza e pelo poder de Grey e, apesar de não acreditar ser boa o suficiente para receber sua atenção, se sente bem ao ser “escolhida” e cede aos desejos do amado, submetendo-se à dor para agradá-lo. Após certo tempo, a dor vai sendo desejada e, por diversas vezes, provocada por ela, uma vez que isso acaba se tornando um ingrediente erótico e desejável na relação.

O primeiro livro da história foi publicado de maneira independente e surgiu como uma *fanfic* em homenagem aos personagens da saga Crepúsculo¹⁵. Após seu lançamento e a tradução para 51 línguas, o número de vendas aumentou expressivamente a cada dia, vendendo mais de cem milhões de cópias em todo o mundo e sendo comparado a sucessos como Harry Potter e a própria saga Crepúsculo¹⁶. A partir daí, nasceu um novo produto midiático pertencente ao ambiente cultural envolto pelos produtos dos meios de comunicação.

Os livros da trilogia ganharam uma crescente expressividade na cultura midiática. Discussões em blogs, entrevistas e debates na televisão e até mesmo um filme surgiram após a explosão editorial. A história invadiu o mercado de consumo de diferentes formas, produzindo e refletindo desejos, aguçando imaginários e por diversas vezes, até mesmo incitando polêmica.

Para compreender o contexto da história, serão apresentadas as principais características dos personagens principais e suas singularidades.

¹⁴ Informação disponível em: <http://www.eljamesauthor.com/about-me/> (Acesso em 17/05/2016)

¹⁵ Informação disponível em: <http://www.eljamesauthor.com/books/fifty-shades-of-grey/> (Acesso em 17/05/2016)

¹⁶ Reportagem disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/50-tons-de-cinza-ultrapassa-marca-de-100-milhoes-de-copias-vendidas-11727715> (Acesso em 17/05/2016)

4.3 ANASTASIA STEELE, A MULHER COMUM

Anastasia Steele tem 21 anos, é recém formada em Literatura Inglesa por uma universidade de Seattle, Estados Unidos, e trabalha meio período em uma loja de ferramentas. Ela divide um apartamento próximo ao campus da universidade com Katherine Kavanagh, sua melhor amiga e estudante de jornalismo. A todo momento, Ana se compara à amiga com quem mora, sentindo-se feia e desajeitada, já que Katherine é descrita como linda e atraente.

Atrapalhada e desastrada, Ana é uma jovem com todas as inseguranças características de sua idade. Possui uma autoestima baixa e é inexperiente em relações amorosas. Tudo isso fica evidenciado na narrativa, narrado em primeira pessoa, em que ela de alguma forma, indica uma busca por reconhecimento. Em determinados momentos onde a personagem fala de si mesma, pode-se observar a auto-destruição que a própria faz de sua personalidade, aparência e a consequência disso em suas relações amorosas:

Romanticamente, porém, eu jamais me expus. Uma vida de insegurança - sou muito pálida, muito magra, muito desleixada, descoordenada, minha lista de defeitos é longa. Sempre fui eu a repelir quaisquer possíveis admiradores. (JAMES, 2011, livro 1, p. 51).

A jovem é bondosa e se preocupa com seus familiares e amigos. Ela procura emprego na área editorial, já que ama passar horas em frente a um livro. Seu pai morreu quando ela ainda era um bebê, e a mãe já está no quarto casamento. Ela considera o “padrasto número dois” como pai, apesar de todos os relacionamentos da mãe terem sido conturbados.

Anastasia Steele representa o estereótipo de mulher comum. Classe média, tímida e frágil. É estudiosa, inteligente, mas não genial, gosta de ler, é dona de uma beleza não exuberante, é teimosa, porém, submissa.

4.4 AS CINQUENTA SOMBRAS DE GREY

O psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Jung (1945) define sombra como “a coisa que uma pessoa não tem desejo de ser”. Ainda de acordo com o estudioso, a sombra inclui tendências, desejos, memórias e experiências rejeitadas pelo indivíduo, consideradas como contrárias aos padrões sociais. Desejos que podem ser considerados imorais ou violentos estão inclusos nessa definição. (JUNG, 1945)

Quanto menos a “sombra” de um sujeito está incorporada em sua vida consciente, mais densa e sombria essa tende a ser. Em inglês, a tradução literal para o nome da trilogia “*Fifty shades of Grey*” é “As cinquenta sombras de Grey”. A autora utiliza-se dessa nomeação para, logo de início, mostrar que o personagem principal possui diversas facetas a serem abordadas na história.

Christian Grey é filho de uma prostituta viciada em drogas. Ela era submetida a um “cafetão” que torturava Christian, queimando a criança com cigarro aceso e o maltratando em diversas oportunidades. Após alguns anos, Grey foi encontrado desnutrido ao lado de sua mãe morta, cujo cadáver ficou em um apartamento durante três dias. Após a morte da mãe aos quatro anos de idade, foi adotado por uma família rica. Se tornou uma criança arredia, crescendo com “uma autoimagem negativa, pensando que era algum tipo de rejeitado, um selvagem incapaz de ser amado” (JAMES, 2012, livro 3, p. 479). Tornou-se um adolescente rebelde, com pavor de ser tocado por qualquer pessoa e se negando a ter envolvimento afetivos.

Em determinado momento de sua vida, encontra uma mulher mais velha que o introduz ao universo sadomasoquista, proporcionando uma forma “de lidar com a dor do lado de fora” (JAMES, 2012, livro 3, p. 479). Após isso, se tornou um homem cujo relacionamentos eram puramente sexuais, baseados em um contrato em que ele, no papel de dominador, estabelecia regras perante uma submissa, lhe proporcionando uma sensação de controle e poder. Grey nunca experimentou o amor de verdade, pois em sua mente, esse sentimento está emaranhado com sensações ruins como dor, medo e constrangimento.

Grey é um homem misterioso, sedutor, bem-sucedido e controlador ao extremo. Ao 28 anos, é CEO e fundador da Grey Enterprises Holdings, negócio que comanda e lhe proporciona uma grande fortuna. É descrito pela autora como alto, musculoso, de ombros largos, cabelo cor de bronze escuro e olhos cinzentos. O rapaz fica enfurecido quando é contrariado e perde o controle de suas emoções.

Em determinado momento da história, há um diálogo que faz referência ao título da trilogia: “Ana: - Por que você não gosta de ser tocado? Christian: - Porque sou cinquenta vezes fodido, de cinquenta maneiras, cinquenta tons diferentes, Anastasia. Tenho muito mais sombras do que luz. Tenho cinquenta sombras ruins!” (JAMES, 2011, livro 1, p. 256)

4.5 SADISMO, MASOQUISMO E BONDAGE (BDSM)

BDSM (Bondage & Discipline, Dominance & Submission, Sadism & Masochism) é um termo mais recentemente usado para definir e reunir práticas sexuais envoltas de sedução, prazer e poder de forma consensual. “A sigla engloba relações e jogos eróticos que estão também relacionados à dor”. (BRITTES, 2006, p. 8). Bruno Zilli define como:

B é para bondage, ou imobilização, geralmente com cordas ou algemas. O par B e D para bondage e disciplina, o uso de fantasias eróticas de castigos e punições; que ligam-se ao par D e S que representam representação de humilhação e violação. O par S e M representam sadismo e masoquismo, ou sadomasoquismo – o uso de dor como estímulo erótico. (ZILLI, 2007, p. 8-9).

As práticas englobadas pelo BDSM geram diversas polêmicas e são, por diversas vezes, alvo de preconceito. São relacionadas à punição física e psicológica, envolvendo fetiches que vão da utilização de chicotes e algemas, à negociação de poder de papéis dos envolvidos. No livro Cinquenta Tons de Cinza, a relação envolvendo o BDSM desenvolvida pelos protagonistas foi construída de forma gradativa, inicialmente introduzida através de um contrato que simbolicamente deveria solucionar os problemas do casal, assinado por Anastasia. Entretanto, alguns especialistas e praticantes de BDSM afirmam que o livro que não passa de um romance erótico com levíssimas pinceladas de sadomasoquismo. Ainda de acordo com eles, o BDSM envolve muito mais do que uma relação sexual, e sim, um estilo de vida¹⁷.

O dominador possui responsabilidade pelo parceiro, sendo o submisso considerado como sua propriedade, onde tudo é consentido. Os relacionamentos sadomasoquistas, ou BDSM, envolvem o consentimento do sádico (aquele que sente prazer em fazer o outro sentir dor) e do masoquista (aquele que sente prazer na dor). Segundo praticantes do BDSM, a maior parte das sessões de sadomasoquismo não são acompanhadas de sexo, pois o verdadeiro prazer do

¹⁷ Reportagem disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/02/especialistas-e-praticantes-do-sadomasoquismo-analisam-50-tons-de-cinza-4709015.html> (Acesso em: 17/05/2016)

sádico e do masoquista está em provocar e sentir dor, com diferentes técnicas.¹⁸ Fato que contradiz aquilo que é apresentado no livro Cinquenta Tons de Cinza, pois em todos os momentos em que existem práticas relacionadas ao BDSM, há uma relação direta com o sexo.

A história mostra que Christian Grey tem seu gosto pela prática de sadomasoquismo justificada pelo seu trauma de infância. Em determinadas situações, a infância e as relações familiares podem influenciar em escolhas futuras, principalmente as relacionadas às práticas sexuais. Entretanto, o sadomasoquismo não pode ser considerado como doença, uma vez que faria mal para ambos os envolvidos, o que não acontece em uma relação sexual, de acordo com o psicólogo JaissoVautero¹⁹.

Durante toda a história, Grey é definido como o dominador da relação. Entretanto, tendo em vista as práticas de BDSM, o personagem deveria ser considerado como *switch*.²⁰ Os adeptos do BDSM são divididos em três personalidades distintas: submisso, dominador e *switch*. O protagonista passou por uma experiência masoquista na adolescência, ao iniciar sua vida sexual, no papel de submisso. Dessa forma, podendo ser considerado um *switch* por ser alguém adaptável dependendo do parceiro com quem está se relacionando.

Inicialmente, Anastasia Steele dá visto em um termo de confidencialidade que a proíbe de conversar com qualquer pessoa sobre as práticas às quais ela irá se submeter:

-Este é um termo de confidencialidade [...] Minha advogada insiste nisso. - Ele me entrega o documento. Fico completamente desconcertada. -Se você escolher a segunda opção, a degradação, vai precisar assinar isto. [...] Significa que você não pode revelar nada sobre nós. Para ninguém. (JAMES, 2011, livro 1, p. 88).

Em determinado momento da história, Anastasia é levada por Grey para conhecer o seu “quarto de jogos”. Intrigada, a jovem o questiona se irão fazer amor

¹⁸ Reportagem disponível Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/02/especialistas-e-praticantes-do-sadomasoquismo-analisam-50-tons-de-cinza-4709015.html> (Acesso em: 17/05/2016)

Reportagem disponível ¹⁹Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/02/especialistas-e-praticantes-do-sadomasoquismo-analisam-50-tons-de-cinza-4709015.html> (Acesso em: 17/05/2016)

²⁰ Informação disponível em: http://www.vice.com/pt_br/read/o-tom-perturbador-de-cinquenta-tons-de-cinza (Acesso em: 17/05/2016)

naquela noite. De imediato, Grey afirma que: “Em primeiro lugar, eu não faço amor. Eu fodo... com força.” (JAMES, 2011, livro 1, p. 89). Nesse momento, ao invés de se assustar, a jovem considera isso “excitante”. Ao entrar no quarto, a personagem se impressiona com a grandiosidade daquilo que lhe é mostrado: paredes em tons vermelho, cheiro de couro e madeira, cordas, correntes, chicotes e açoites. Entretanto, ela não demonstra receio em relação a isso:

Qual a reação apropriada à descoberta de que um amante em potencial é um completo tarado sadista ou masoquista? Medo... Sim... esse parece ser o sentimento preponderante. Reconheço agora. Mas, por incrível que pareça, não tenho medo dele. (JAMES, 2011, livro 1, p. 92)

É nesse contexto que Grey mostra seu verdadeiro eu para Anastasia, afirmando que gostaria de colocar em prática as atividades relacionadas ao BDSM com ela. Ela o questiona se ele é sádico. Christian afirma ser dominador, querendo que ela se entregue espontaneamente a ele em tudo, unicamente com o objetivo de satisfazê-lo. Ele ainda conta que, para isso, existem regras e quer que elas sejam obedecidas, afirmando que são para o bem dela e para o seu prazer. Se as regras forem seguidas, há recompensas. Se forem quebradas, haverá punição.

Após isso, Grey lhe entrega um contrato (ver Anexo A) com várias páginas em que descreve tudo o que deverá ser cumprido após sua assinatura. Nele, estão incluídas práticas como dormir regularmente, ter uma alimentação saudável, vestir apenas as roupas que lhe são entregues, ir ao salão de beleza e frequentar a academia no mínimo quatro vezes por semana. Uma série de cláusulas aponta que ambos os envolvidos não podem possuir nenhum tipo de doença infecto-contagiosa e descreve também os deveres deles e as consequências do não cumprimento do previamente estabelecido.

4.6 VIRGINDADE COMO TABU

Em diversos os momentos, é demonstrado ao leitor que a futura relação sadomasoquista será consensual:

-Bem, além da declaração de confidencialidade, um contrato dizendo o que faremos e o que não faremos. Preciso conhecer seus limites, e você precisa conhecer os meus. Isso é consensual, Anastasia.
 -E se eu não quiser fazer isso?
 -Tudo bem - diz ele cauteloso.
 -Mas aí não teremos nenhum tipo de relação? - pergunto.
 -Não.
 -Por quê?

-Esse é o único tipo de relação que estou interessado.

(JAMES, 2011, livro 1, p. 95)

Christian afirma para a personagem que já manteve esse tipo de relação com outras quinze mulheres, e que já chegou a machucar algumas delas. Anastasia questiona o motivo de agora ele querê-la, e ele diz há alguma coisa nela que lhe chama atenção e o faz não querer deixá-la.

Após a apresentação do contrato, Anastasia conta para Grey que é virgem, fato que o deixa surpreso. Nesse momento, ele afirma que “irá resolver o problema agora mesmo” e diz que irá fazer amor com ela naquela noite:

-Pensei que você não fizesse amor. Pensei que você fodesse, e com força. [...]

-Posso abrir uma exceção, ou talvez combinar as duas coisas, vamos ver. Eu quero muito fazer amor com você. Por favor, venha para a cama comigo. Quero que o nosso acordo dê certo, mas você realmente precisa ter alguma ideia de onde está se metendo. Podemos começar o seu treinamento esta noite, com o básico. Isso não quer dizer que fiquei todo sentimental. Trata-se de um meio para um fim, mas um fim que eu quero, e espero que você também. (JAMES, 2011, livro 1, p. 102)

Na sociedade contemporânea, a perda da virgindade ainda pode ser vista como um tabu, tanto para os homens quanto para as mulheres. De acordo com (LOPES, 2006, p. 7): “O significado de tabu diverge em dois sentidos contrários: sagrado, consagrado X misterioso, perigoso, proibido, impuro. É, portanto um conceito de grande ambivalência [...]”. O tema é por diversas vezes considerado polêmico, instigando e aguçando a curiosidade das pessoas.

O desenrolar da trama cria no leitor uma certa expectativa para o momento em quem Anastasia perde a virgindade. As cenas de sexo apresentadas no livro são recheadas de erotismo, trazendo termos que podem, em um primeiro momento, chocar o leitor, mas que, ao longo da narrativa, vão se tornando algo natural.

-Você está deliciosamente molhada. Nossa, eu quero você.

Ele enfia o dedo dentro de mim, e solto um grito quando enfia de novo e de novo. Manipula meu clitóris, e dou um grito. Ele movimenta o dedo dentro de mim com mais força ainda. Gemo. De repente, ele se senta na cama, arranca minha calcinha e a joga no chão. Tira a cueca, e a ereção se revela, livre. Puta merda... [...]

-Levante as pernas - ordena com delicadeza, e obedeço de imediato.

-Agora vou começar a foder com você, Srta. Steele. - murmura ele, ao posicionar a cabeça de seu pau na entrada do meu sexo. - Com força - murmura, e me penetra.

-Aai! - grito ao sentir um estranho beliscão lá dentro de mim quando ele tira minha virgindade. (JAMES, 2011, livro 1, p. 107)

A protagonista considera o momento como o mais sublime de sua vida, sem conseguir imaginar como aquilo poderia ser melhor: perdeu a virgindade com o homem que amava, sentido prazer e acreditando estar vivendo um sonho. No mundo real, a “primeira vez” ainda é cercada de tabus, principalmente tratando-se de mulheres. De um lado, existem aqueles que acreditam que deva se esperar o “momento certo”, se entregando para alguém apenas quando há a certeza do amor daquela pessoa. Do outro, há aqueles que acreditam que não é necessário ser apaixonado por alguém para realizar tal ato, apenas fazendo no momento em que há vontade.

Por mais que seja algo natural, ao tratar desse assunto uma parcela das pessoas se sente constrangida. É um momento importante da vida do indivíduo, sendo uma situação que pode gerar conflitos intensos e consequências marcantes na vida sexual. O tema está sempre em evidência, já que o sexo é um ato que não envolve apenas o corpo, mas, principalmente, a mente. Não há como negar que tanto homens quanto mulheres sofrem diversas pressões para iniciar sua vida sexual.

Ao tratar especialmente da mulher, após a perda da virgindade os conflitos estão relacionados a forma com que ela deve conciliar a vida profissional, cuidados com a casa e os filhos, vida conjugal e atividade sexual. As múltiplas atividades são um desafio à habilidade feminina, onde é imposto que se deve sempre manter de forma equilibrada todas as áreas.

Nesse caso, o livro *Cinquenta Tons de Cinza* pode exercer grande influência não apenas no imaginário da leitora, mas também em seu comportamento. Ao ler as cenas de sexo ardentes e se identificar com o perfil da personagem principal, as mulheres podem passar a fantasiar com Christian Grey, esperando conseguir um romance semelhante na vida real. A narrativa construída pode levar mulheres casadas ou solteiras a suspirarem ao ler a história, chegando a momentos em que possivelmente a ficção começa a se transformar em uma necessidade de transportar aquilo para a realidade, a realidade que elas gostariam para si mesmas em seu inconsciente. A partir daí, pode ser revelado um desejo pela submissão, pelo homem rico, poderoso e dominador, pelo jogo de sedução e uma busca interminável pelo amor como forma de redenção.

O livro pode assumir um papel de terapia, oferecendo possibilidades de respostas para os problemas vividos na vida pessoal das leitoras. Esse tipo de best-

seller pode ser definido pela capacidade que possui de fazer um diálogo entre ficção e experiência social real. Pode ele apresentar algo problemático nessa experiência e, a partir daí, oferecer uma solução simbólica acerca desse problema.

4.7 A GANGORRA DO AMOR

De certo modo, o livro pode induzir a uma reflexão acerca das relações humanas. As relações interpessoais podem comprometer de diversas formas uma trajetória de vida, ainda mais se for algo sem controle e recheado de conflitos. Todos os tipos de relações implicam em uma espécie de complementariedade, onde acredita-se que deve haver por parte dos envolvidos atitudes de “dar e receber”. Quando isso não acontece e a retribuição não vem da forma esperada, acontece a decepção. É natural do ser humano criar expectativas. Possuímos uma imaginação fértil, um imaginário coletivo que nos faz produzir sonhos que podem parecer inalcançáveis.

Ao encerrar a leitura da primeira publicação da trilogia Cinquenta Tons de Cinza, pode-se observar uma metáfora que define toda a história: a relação amorosa em uma gangorra. A gangorra é um brinquedo em que duas pessoas se sentam nas extremidades e colocam pressão nos pés a fim de impulsionar para cima. Ao fazer uma analogia, é possível observar que um lado representa o “ter” e o outro o “querer”: no momento em que um está embaixo, deseja subir. Quem está em cima, possui naquele instante o poder de estar no lugar mais alto.

Utilizar um brinquedo como analogia para a compreensão do romance presente na narrativa dá a ideia de que, tanto na gangorra, quanto no relacionamento de Grey e Anastasia, existem altos e baixos, os quais só podem ser solucionados pela junção de esforços de ambos. De acordo com os títulos dos outros livros, os cinquenta tons ficam mais escuros e depois, mais libertos, nos fazendo acompanhar uma relação de envolvimento, brigas, amor e separação do casal protagonista. A partir disso, é possível observar que a “gangorra” é uma importante metáfora utilizada pela autora para definir a relação presente na história.

Christian e Anastasia desenvolvem uma forte ligação; ela se apaixona e ele precisa colocar em prática o seu sadomasoquismo; em um primeiro momento, ela permite; tempos depois, não concorda com a violência explícita no ato que considera ser de amor; surgem os conflitos; eles se separam e voltam por vezes, ambos

prometendo concessões; terminam casados e felizes. Christian, que não suporta o toque devido aos seus traumas, ora pende para o romantismo provocado pelo sentimento despertado por Anastasia. Ela, ora consente a prática violenta em busca de uma concessão a fim de proporcionar ao seu parceiro momentos de prazer, mesmo que para ela aquilo não seja tão agradável.

Essa relação de “vai e vem” pode provocar na leitora uma sensação de identificação pessoal com a história, uma vez que fora da ficção essa ideia de fazer acordos pelo outro também acontece. Surge a partir daí o pensamento de que “se deu certo para ela, também pode dar certo para mim”.

Poderia o Cinquenta Tons de Cinza ser considerado um conto de fadas moderno ou uma forma de libertação sexual? Além do aspecto sexual, o livro aborda questões da autoestima feminina, fazendo com que as mulheres se reconheçam na protagonista. Estamos inseridos em uma cultura em que a mulher ainda aparece como coadjuvante em questões relacionadas ao sexo, onde seu prazer é colocado abaixo do prazer do homem (LIPOVETSKY, 2000). Por meio de uma narrativa com fortes doses de erotismo, o livro proporciona um reconhecimento de desejos e exercício da sexualidade feminina.

Entretanto, cabe refletir sobre a romantização e naturalização da violência contra a mulher apresentada na trama. A partir disso, se faz interessante compreender o fascínio com que as leitoras descrevem um romance que traz um homem que amordaça, bate e impõe um contrato para a realização de seus desejos sexuais. Após isso, é possível levantar questionamentos acerca da razão que cerca o fanatismo por um personagem desse tipo. Pode-se cogitar ser uma falta substancial na vida concreta da leitora, que faz com que os devaneios envolvendo Grey sejam importantes para seu bem estar, a fim de preencher uma lacuna da realidade com algo fictício e quais as conseqüências disso na vida como um todo.

4.8 A BELA E A FERA E O PRÍNCIPE ENCANTADO DA ATUALIDADE

Diversas gerações de mulheres tiveram seus comportamentos diretamente influenciados pelos contos de fada, da infância até a vida adulta. Nessas histórias, pode-se observar a típica fórmula em que a princesa frágil e indefesa se apaixona por um príncipe bonito, cavalheiro e elegante. De certa forma, isso moldou e guiou o pensamento feminino a um ideal de parceiro romântico. Entretanto, de alguns

tempos para cá, é perceptível um novo “acabamento” para esse príncipe, mas sem perder a essência do que é apresentado nos contos de fadas.

A Bela e a Fera conta a história de uma jovem moça humilde, gentil e que amava literatura. Sua família se muda para o campo, e certo dia, seu pai arranca uma flor do jardim de um palácio encantado. Por conta disso, ele é condenado à morte pelo dono do castelo, um monstro chamado Vicent. Em uma tentativa de salvar a vida do pai, Bela vai viver com Vicent e acaba encontrando lá uma vida recheada de luxo.

De início, ela é resistente e demora a se acostumar com aquela situação. Com o passar do tempo, vai descobrindo sobre o passado sombrio e triste da fera, que cada vez mais se sente atraído pela moça. Em determinado momento da história, a Fera fica muito doente, e Bela diz que ele não poderia morrer e deixá-la, pois ela havia se apaixonado por ele. Nesse instante, Bela o beija no rosto e ele começa a se transformar em um príncipe. Ele explica que uma bruxa o havia enfeitado e que isso só seria desfeito caso alguém que o amasse de verdade o beijasse.

É possível fazer uma analogia entre a obra Cinquenta Tons de Cinza e o tradicional conto de fadas A Bela e a Fera, que pode ser entendida como símbolo de poder transformador e revelador exercido pela mulher em relação aos homens. Entende-se que sem esse poder é difícil atingir uma plena feminilidade. A ideia de que a moça boazinha se apaixona pelo homem bruto e com um passado nefasto e, por amor, ele muda e o casal vive feliz para sempre está presente em ambas as histórias. De certa forma, ela faz um “sacrifício” em nome da relação e, por isso, tudo melhora.

Christian pode ser considerado um príncipe encantado moderno. Ele mescla características do príncipe encantado tradicional, bonito e charmoso, com características da contemporaneidade, ser bem-sucedido profissionalmente, poderoso e possuidor de diversas fantasias sexuais.

Ao defender a história de amor de a Bela e a Fera e Anastasia Steele e Christina Grey, as pessoas estão defendendo a si próprias, protegendo o direito de sonhar e idealizar. “Atacar” essas imagens lúdicas é mexer com a identidade de um

indivíduo em sua maior profundidade, alcançando até mesmo áreas de dores e traumas do ser em questão.

4.9 RELACIONAMENTO ABUSIVO

A ideia de que a dor pode ser curada pelo amor por diversas vezes esteve presente em representações. Ao tratar da representação do Cinquenta Tons, pode-se inferir que as leitoras se enxergam em Anastasia: há uma tentativa de “curar” um homem com um passado sombrio e que gera consequências no presente, acreditando que o amor possui essa força. Essa concepção reafirma a ideia ilusória de que o amor tem o poder mágico de transformar qualquer pessoa, por mais amargurada e violenta que ela seja.

É possível também analisar, nesse caso, a figura da “mulher protetora” presente na narrativa. Há a ideia de que Grey é uma pessoa com uma infância traumatizada e que agora precisa de carinho e proteção. Anastasia pode ser considerada como a reconfiguração de uma imagem protetora que faltou a ele: amorosa, atenciosa, cuidadora e persistente.

Ao analisar a forma com que Christian trata Anastasia, é possível perceber que o que pode ser considerado como cuidado e proteção, é talvez uma forma de obsessão doentia. Em algumas passagens, fica evidente que Anastasia não está satisfeita com situações provocadas por Christian:

-Por favor, não me bata - sussurro, implorando.
Ele fecha a cara, arregalando os olhos. Pisca duas vezes.
-Não quero apanhar de você, aqui, agora. Por favor, não me bata.
(JAMES, 2011, livro 1, p. 311).

Apesar dos códigos de emergência combinados e previamente estabelecidos no contrato, Anastasia não os utilizou por desejar saber até onde Christian poderia chegar. Nesse momento, ela se sente humilhada e incapaz por descobrir que não pode frear os desejos de Grey.

Em determinada situação, Anastasia revira os olhos para Grey, que considera o ato como transgressor das regras anteriormente estabelecidas. Como forma de punição, bate na jovem. Ele a coloca de costas e começa a deferir golpes com as mãos em suas nádegas. Anastasia começa a sentir-se humilhada e pede para o

amante parar: “solte-me [...] não me toque!” (JAMES, 2011, livro 1, p. 448). Após isso, Christian a olha atordoado e desconcertado. A jovem se questiona:

O que eu estava pensando? Por que deixei que ele fizesse isso comigo? Eu queria o lado escuro, explorar quão ruim poderia ser - mas é muito escuro pra mim. Não posso fazer isso. No entanto, é o que ele faz. É assim que ele tem prazer. (JAMES, 2011, livro 1, p. 449).

Um estudo realizado pela Universidade Estadual de Michigan afirma que “34% das leitoras de Cinquenta Tons de Cinza são mais propensas a ter um parceiro com mania de perseguição. Elas também apresentaram maior tendência ao abuso de álcool e a desenvolver distúrbios alimentares. 75% das mulheres que já leram a trilogia são mais propensas a tomar moderadores de apetite e a jejuar num período de 24 horas”²¹. Os estudiosos da universidade ainda afirmam que: “os livros difundem um tipo de comportamento perigosos, com uma narrativa que apenas sublinha padrões de comportamento que remetem ao machismo”.

Outro estudo desenvolvido pela da Universidade Estadual de Ohio aponta que a trilogia perpetua o problema da violência contra as mulheres. De acordo com os pesquisadores, o romance do casal retrata o típico caso de abuso emocional e sexual e, nas condição social atual, há uma naturalização do abuso por meio daquilo produzido pela indústria cultural, criando contextos e situações que sustentam diversas formas de violência.²²

Ainda de acordo com o estudo, Anastasia sofre com as reações típicas de alguém que é vítima de abuso, pois se sente constantemente ameaçada, modifica seu comportamento em busca de concessões para manter o relacionamento e aos poucos vai perdendo a própria identidade. Fato que pode ser evidenciado em passagens como: “Eu não quero perdê-lo, apesar de todas as suas exigências, sua necessidade de controle, seus vícios assustadores. Eu nunca me senti tão viva como eu me sinto agora”. (JAMES, 2011, livro 1, p. 317-318).

A dominação presente na narrativa se estende para além das paredes do quarto de Grey, atingido de forma substancial a vida pessoal de Anastasia, podendo

²¹ Reportagem disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-afirma-que-leitoras-decinquenta-tons-de-cinza-podem-desenvolver-disturbios-alimentares-13695212> (Acesso em 21/05/2016)

²² Reportagem disponível em: <http://veja.abril.com.br/ciencia/cinquenta-tons-de-cinza-banaliza-violencia-contra-a-mulher-diz-estudo/> (Acesso em 21/05/2016)

configurar o romance em um relacionamento abusivo. É possível perceber que ao longo da trama, o jovem rapaz persegue Anastasia, a intimida e por diversas vezes lhe oferece álcool em situações onde há necessidade de um discernimento maior. Ao analisar isso, a possibilidade de uma violência física e psicológica contra a mulher fica cada vez mais evidente.

4.10 ARQUÉTIPO FEMININO DINÂMICO: A DONZELA VIRGEM

“Os arquétipos são representações projetadas pelo inconsciente coletivo de uma sociedade ao longo da história da humanidade”. (RANDAZZO, 1993, p. 97) São criados em nossas mentes padrões que caracterizam comportamentos:

[...] há uma imagem arquetípica [...] que por sua vez molda a vida das pessoas. A mente inconsciente fala através de imagens arquetípicas e simbólicas, e de padrões de pensamento humano [...]. (RANDAZZO, 1993, p.101)

Diversos arquétipos femininos foram desenvolvidos ao longo do tempo, e um comumente utilizado na sociedade ocidental é o de donzela virgem. Nesse modelo, é possível observar figurações que representam o desabrochar da feminilidade e o despertar da sexualidade.

A donzela representa o aspecto da jovem e bela moça que passa por um processo de amadurecimento, de descoberta dos sentidos da vida. Ela carrega a inocência da infância, o desejo de viver aventuras e descobrir os prazeres da vida e, principalmente, o desejo de viver um amor. De acordo com Randazzo (p.115, 1993), “exemplos deste arquétipo podem ser encontrados nas musas, nas fadas e nas jovens virgens da literatura”.

É possível observar esse arquétipo presente na história dos Cinquenta Tons de Cinza, entretanto, de forma modificada para se adaptar a contemporaneidade. Anastasia figura como um ser feminino que está despertando para sua sexualidade, em busca de novas perspectivas e experiências. Apesar disso, não pode ser considerada como uma mulher fatal e sedutora. Sua beleza é comum e não chama atenção e sua auto-estima não exerce poder. É possível considerar isso como uma adaptação aos tempos atuais, em que ser apenas bela, recatada e ou do lar não é o suficiente. Isso se deve em grande parte ao movimento feminista, de acordo com RANDAZZO (1993, p.115):

Nos anos 60, entretanto, o movimento feminista atacou os conceitos de beleza e sexualidade feminina existente. Em parte, as feministas reagiram contra “a aparência loura e burra de bonequinha Barbie”, que se tornara um clichê cultural, e acusaram a idéia da beleza feminina por considerá-la “passiva”. O movimento feminista procurou negar que a beleza e a sexualidade da mulher eram aspectos da feminilidade - aspectos que as mulheres pareciam apreciar e que lhes davam um enorme poder sobre os homens.

A interpretação de Randazzo acerca do conceito de arquétipo serve para reforçar a ideia presente no contexto da história.

4.11 ANÁLISE DO DISCURSO DA TRILOGIA CINQUENTA TONS DE CINZA

Uma das características importantes na obra é o fato de a narrativa ser em primeira pessoa. Quem descreve os acontecimentos é a própria Anastasia de uma forma absolutamente simples. Por um lado, a escrita pode soar infantil e rasa. Por outro, tal característica torna a leitura fácil e fluída. Pode-se inferir a partir dessa ideia que a personagem é imatura, sem muita experiência na questão relacionada a relacionamentos.

Pelo fato da narrativa ser em primeira pessoa, é sempre mostrado o ponto de vista de Anastasia Steele. Entretanto, o foco principal é direcionado a Christian Grey. Isso chega a ser intrigante em diversos momentos, pois em uma narrativa desse modelo, espera-se que haja mais “atenção” à história do próprio narrador/protagonista. Ocorre uma ênfase nos traumas de infância de Christian, o que, a todo momento, se mostra como uma justificativa para seu comportamento transgressor. Sua descrição física é bastante detalhada, assim como sua atuação profissional, seu desempenho sexual e todas as questões psicológicas que caracterizam o seu comportamento.

A personagem principal, que também é a narradora, se apresenta através de uma descrição simples e superficial: morena com cabelos rebeldes, virgem, dona de um fusca velho e de uma jaqueta azul surrada. É possível observar que ela se apresenta em contraponto a sua colega de quarto, Katherine Savanagh: loira, olhos verdes, bonita, sexy, extrovertida, irresistível e dona de uma Mercedes esportiva.

O enredo preenche todos os requisitos de um romance estereotipado: além da narrativa em primeira pessoa, a mocinha não possui muitos atributos visíveis, não se afirma como uma mulher poderosa, e outro protagonista possivelmente está lá para configurar a síntese da idealização feminina em relação a um homem. Além

disso, há a presença do inconsciente da personagem na história, denominada por ela mesma de “deusa interior”. A deusa é interlocutora durante a trama, expressando sentimentos e provocando reações:

Minha deusa interior me observava golpeando impaciente o chão com um pé. Faz anos que está preparada, e está preparada para algo com alguém como Christian Grey, embora ainda não entenda o que vê em mim... a pacata Ana Steele... Não fazia sentido.(JAMES, 2011, livro 1, p.78).

A personagem de Anastasia é construída como o “bem” da história do início ao fim. Já Christian é o homem com desejos sexuais peculiares, abusa fisicamente das mulheres com que se relaciona, não gosta de ser tocado, mas que, ao longo da narrativa, “se transforma” em um homem amoroso, dedicado, compreensivo e até mesmo bom pai. Acredita-se que essa transformação se dá pelo amor de Anastasia.

A forma em que os personagens se chamam também se transforma ao longo da trama: de início, Christian chama Anastasia apenas pelo nome ou de Srta. Steele. Com o desenrolar, adjetivos como “baby”, “gostosa” e até mesmo “menina sacana” são utilizados. Já Anastasia, o chamava de Sr. Grey e, ao longo da narrativa, passa a dar outros adjetivos como “meu cinquenta tons”, “meu marido”, “meu amante”, “minha alma gêmea” e “meu protetor megalomaniaco”.

Cabe ressaltar que no capítulo três do primeiro livro da trilogia, Christian solicita que Anastasia não o chame pelo primeiro nome, limitando-se apenas a “Sr. Grey” ou “Senhor”. A partir de uma análise feita da utilização desses termos específicos, pode-se perceber o poder eminente exercido por Christian na vida da jovem moça e a evolução ocorrida durante a narrativa em que, inicialmente, havia uma certa impessoalidade, mas que ao longo da história evoluiu para uma cumplicidade sexual e proximidade entre o casal.

Na trilogia “Cinquenta Tons de Cinza”, é possível observar um discurso que remete à padronização da construção social homem x mulher, onde ideologias conservadoras e tradicionalistas podem ser observadas ainda que “mascaradas” pelo erotismo e pela pornografia presentes na história. Anastasia, a personagem principal, é insegura, ingênua, inexperiente, com baixa autoestima e submissa, aparentemente reforçando a ideia do “sexo frágil”. Christian Grey é um empresário rico, bonito, sedutor, controlador e autoritário, também aparentemente reforçando a ideia do “macho alfa”.

Em um primeiro momento, pode-se supor que o discurso presente na história reforça a ideia de que o homem é o principal responsável pelas atividades que colaboram para o aumento do desenvolvimento econômico, social e político da sociedade em que estamos inseridos. Por conseguinte, a mulher é colocada como incapaz de tomar decisões objetivas e claras, sendo restrita unicamente à sua sexualidade.

[...] os representantes de Deus, padres e vigários, possuíam plateias femininas (PERROT, 1998) e, em seus discursos, pregavam a aversão ao sexo por prazer, negando à mulher a sexualidade existente. Assim, a moral sexual feminina se constituiu entre o pecado e a indecência. Por meio do discurso, as instituições supracitadas controlavam, vigiavam e criaram regras e normas que se transformaram em valores a atender seus interesses. (FONSECA, 2011, p.214)

Os personagens não falam abertamente sobre sexo: um exemplo clássico é o fato de que os genitais não são nomeados em nenhum momento. Em mais de mil e quinhentas páginas de um romance tido como erótico, as palavras “pênis” e “vagina” não aparecem nenhuma vez. Ao se referir ao órgão sexual de Christian, Anastasia diz “a ereção”. Se referindo ao “acontecimento”, e não ao órgão especificamente. Tudo isso reitera o fato de que o discurso presente na obra reforça a continuidade de tabus, linguagem rasa e que não exige uma reflexão ativa por parte da leitora, em algumas situações de forma mais ou menos óbvia.

Ao realizar uma análise daquilo que é “não-dito” no discurso, pode-se inferir que através de suas atitudes com Anastasia, Christian demonstra toda sua possessividade. O rapaz a persegue inúmeras vezes, rastreia seu celular e controla tudo o que a moça faz. É possível perceber que essa é uma das formas que o milionário encontra para demonstrar poder.

Cada fato que acontece no desenrolar da trama tem um significado e uma consequência. É possível perceber também que os fatos parecem ser possíveis, fazem sentido e são coerentes em relação a tudo que está sendo descrito, possuindo, assim, uma verossimilhança.

4.12 CINQUENTA TONS DE CINZA COMO PRODUTO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Ao longo da história da humanidade, a cultura tem sofrido grande influência dos produtos midiáticos. Quando o assunto são os livros, diversas fórmulas e formatos foram desenvolvidos a fim de atrair e fidelizar o leitor. Desde a capa até a

forma em que são colocados nas vitrines das livrarias, é possível perceber o intenso trabalho de marketing realizado com o objetivo de inserir o leitor no universo da obra.

Há uma busca contínua por manter a receita da indústria cultural, oferecendo produtos que se encaixem nos padrões estabelecidos a fim de manter o cliente naquilo que é esperado pelas editoras e produtoras. Pode-se perceber que há um modelo de entretenimento repetitivo e coercitivo na indústria dos livros. Um *best-seller* nada mais é do que uma narrativa que obedece a códigos linguísticos e discursivos que nos levam diretamente a clichês já difundidos e geradores de uma receita de sucesso.

No livro “Dicionário de Análise do Discurso”, de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2006, p. 213), clichê é definido como “uma noção de estilística indissociável do ideal de originalidade em vigor nos tratados de estilística que surgem no começo do século XX”. Ainda de acordo com os autores, “tudo o que se relaciona com o banal e a repetição mecânica deve ser estigmatizado”. (CHARAUDEAU. e MAINGUENEAU, 2006, p. 213),

A trilogia Cinquenta Tons de Cinza foi um fenômeno de vendas em diversas partes do mundo, tornando-se também uma grande oportunidade de negócio. Seus exemplares eram vistos nas prateleiras das livrarias (fato que gerou controvérsias no Brasil, levando um juiz a proibir a exposição do produto nas livrarias por acreditar que publicações “impróprias” não deveriam ser vendidas sem lacre²³), o que levou uma legião de pessoas a consumirem o produto.

Gilles Lipovetsky (2000, p. 40) afirma que “as mulheres não manifestam nenhuma resistência a ler escritos eróticos e não torcem o nariz para o prazer de ver filmes de caráter sensual”. Essa pode ser uma das explicações para a explosão do sucesso das vendas da trilogia. O fenômeno foi tão grande que diversos outros produtos com a temática apresentada nos livros surgiram. O aproveitamento de mercado se tornou evidente, fazendo com que empresas captassem a tendência do mercado que girava em torno da história e utilizando isso em favor de sua marca, produto ou serviço.

²³ Para a informação, foram retirados dados da reportagem disponível em: <http://g1.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/01/juiz-proibe-exposicao-da-trilogia-cinquenta-anos-de-cinza-sem-lacre.html> (Acesso em 21/05/2016)

Visualizar os Cinquenta Tons de Cinza como produto da indústria cultural se tornou ainda mais possível no ano de 2015, após o lançamento do filme baseado na obra. De acordo com pesquisas, houve um aumento significativo da venda de brinquedos eróticos e de outros produtos que utilizaram o sucesso em torno dos Cinquenta Tons para alavancarem suas vendas.²⁴

Um exemplo clássico é o anúncio produzido pela marca de carros Audi. A marca é citada por diversas vezes na trama e, de acordo com a autora E. L. James, as citações não foram comercializadas. O protagonista Christian Grey coleciona os esportivos da montadora alemã. No Brasil, a marca Pessini Cosméticos desenvolveu a caixa “Desejos em Tons de Cinza”, que contém fitas de amarração, penas e óleos, tudo para apimentar a relação a dois²⁵.

Um artista que não quis se identificar produziu diversas imagens de como as princesas da Disney seriam retratadas de acordo com algumas cenas do Cinquenta Tons de Cinza. As imagens (ver anexos B, C e D) foram publicadas no site da revista “Cosmopolitan”. É possível perceber que o artista busca transmitir uma ideia de poder masculino nas imagens, uma vez que em cada uma das figuras o homem é colocado como dominador, exatamente como é a proposta do Cinquenta Tons de Cinza. Em todas as figuras, os “príncipes” manipulam algo, claramente mantendo o controle da situação da forma que lhes é conveniente.

Através dessas observações, é possível considerar a série de livros como um dos maiores exemplos de cultura de convergência apresentada por Jenkins em sua definição, pois gerou conteúdo nas mais diversas plataformas possíveis: Cinquenta Tons possui uma adaptação cinematográfica de um livro originado de uma *fanfic*, que por sua vez é originada da série Crepúsculo, e que por sua vez também se tornou filme. O fato é que acaba se tornando impossível mensurar toda rede de conteúdos originada direta ou indiretamente, pois quanto mais sucesso determinado produto faz, maior a quantidade de conteúdo em torno dele.

Ao analisarmos o fenômeno como espiral do silêncio, é possível perceber que o processo pode ser entendido como um conjunto de estruturas que se

²⁴ Reportagem disponível em: <http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-economico/brinquedos-eroticos/> (Acesso em 21/05/2016)

²⁵ Reportagem disponível em: <http://www.abeme.com.br/2015/02/pessini-lanca-jogo-desejos-em-tons-de-cinza/> (Acesso em: 21/05/2016)

retroalimentam. A partir do início da circulação, o conteúdo passa a ser transformado pelos receptores e divulgado de diferentes maneiras. A partir disso, dá-se início a tarefa de adaptar-se a alterações sofridas e buscar um resultado que proporcione conteúdos diferentes dos produzidos em um primeiro momento.

Como exemplo disso, é possível citar o lançamento do livro “Grey: Cinquenta Tons de Cinza pelos Olhos de Christian” no ano de 2015, que retrata a história da trilogia Cinquenta Tons de Cinza sob a ótica do empresário sadomasoquista. O lançamento do livro surpreendeu os fãs, críticos e pessoas que achavam que não iriam mais encontrar nas livrarias os famigerados volumes com capas em tons de cinza. Na dedicatória do novo livro, a autora afirma que ele foi escrito para os leitores que “pediram... e pediram... e pediram... e pediram por isso”.

4.13 PORNOGRAFIA X EROTISMO

Nesse tipo de pesquisa, questionamentos sobre a diferença entre erotismo e pornografia surgem, fazendo necessária a definição de ambas nomenclaturas para compreensão do contexto analisado. Frequentemente, o erotismo está associado à beleza e sensualidade, e a pornografia, à descrição ou demonstração efetiva do ato sexual.

O termo pornografia surgiu em meados dos anos 1800 para definir o estudo sobre a prostituição. No século 19, passou a ser utilizado para designar a arte que retratava imagens consideradas obscenas para a época, sendo associada a uma forma mais vulgar de erotismo. Já o erotismo é um termo derivado de Eros, deus grego do amor e utilizado para relacionar práticas sexuais ao desejo e paixão intensos, remetendo a uma forma mais nobre de sensualidade.²⁶

Na indústria cultural, é possível dizer que erotismo pode estar contido em um livro, filme ou demonstração artística, com o objetivo de encantar o consumidor. Já a pornografia tem como objetivo excitar e ganhar dinheiro com isso. Entretanto, há de se considerar o fato de que o que pode ser erótico para alguém, pode ser considerado pornográfico para outrem.

²⁶ Reportagem disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/qual-e-a-diferenca-entre-pornografia-e-erotismo/> (Acesso em 22/05/2016)

A trilogia Cinquenta Tons de Cinza é constantemente considerada como pornográfica, uma vez que, apesar de utilizar-se de uma linguagem simplória, a autora descreve diversas cenas de sexo na narrativa. Entretanto, há quem considere a narrativa apenas erótica, uma vez que as cenas possuem certo romantismo. Através disso, é possível perceber que a linha entre erotismo e pornografia é tênue.

Apesar de não manifestarem resistência a ler escritos eróticos e a filmes de caráter sexual (LIPOVETSKY 2000), ainda há uma rejeição feminina em relação à pornografia “escancarada”, que possui raízes em uma essência construída moralmente. Há por parte da mulher um estranhamento e uma não identificação com o que, de certa forma, está tão próximo de si. Não há reconhecimento por parte desse público, gerando um sentimento de negação.

Lipovetsky (2002) afirma que o erotismo é preferido pelas mulheres, uma vez que “o que na pornografia deixa as mulheres pouco à vontade não tem nada a ver com a reprovação do sexo, mas com seu regime despersonalizado, por assim dizer, pavloviano”. O autor ainda afirma que:

As mulheres não rejeitam apenas a pornografia como sexo sem poesia amorosa, acusam-na de as insultar, de degradar sua imagem, de incitar aos estupros e às violências: “A pornografia é a teoria, o estupro, a prática”. Veiculando os estereótipos da mulher vítima que deseja ser dominada, submetida ou violentada, a pornografia constituiria uma tentativa de inferiorização do feminino. (2002, p. 41)

Ao analisar a premissa desenvolvida pelo autor, é possível questionar o fascínio do público feminino pela trilogia Cinquenta Tons de Cinza, uma vez que pode-se inferir que a história reforça o estereótipo de mulher submissa com o desejo de ser dominada, mesmo a narrativa não sendo considerada pornográfica por esse público.

4.14 CINQUENTA TONS DE FEMINISMO

O papel da mulher na sociedade está mudando. Cada vez mais, elas procuram se afirmar em campos anteriormente dominados apenas por homens. Há uma luta para superar as injustiças impostas por uma sociedade patriarcal, construída em sua maior parte por valores tradicionais masculinos. Há também uma busca por assumir o controle de suas vidas e seus corpos, quebrando paradigmas preestabelecidos.

Ao observar a literatura como canal para construção de identidade social e representação do real, é possível inferir que o leitor absorve o conteúdo simbólico presente na obra e orienta sua visão de mundo/comportamento através das narrativas. De fato, quanto mais um livro se assemelha à experiência social e oferece uma solução simbólica ou fantasiosa aos problemas de um indivíduo, mais influência na construção da identidade social desse sujeito ele pode ter. Entende-se que as formas de entretenimento atuais estão cada vez mais próximas à realidade de seus consumidores.

Na narrativa dos Cinquenta Tons de Cinza é possível perceber que há uma busca pela proximidade com a vida do público alvo, proporcionando experiências na narrativa que podem facilmente ser comparadas à realidade. Apesar de contemporânea, a história faz uso de uma receita antiga para cativar o público feminino: uso de simbolismos e um romance clássico. O que o difere dos romances comumente produzidos, são as pitadas de erotismo, sensualidade e práticas sexuais não tão convencionais presentes na história.

O fenômeno Cinquenta Tons certamente não é fruto apenas das explícitas cenas de sexo contidas na história. Há uma brincadeira com o inconsciente das leitoras, proporcionando experiências que as levam a se identificar com a história. O livro pode servir como libertador para aquelas que sentem vergonha de admitir suas fantasias mais profundas. As mulheres se identificam e, por diversas vezes, almejam ser mais como Anastasia: uma jovem que descobre um novo mundo, que pode ser extremamente prazeroso através das experiências proporcionadas pelo seu relacionamento com Christian.

É possível ainda perceber que o reforço de estereótipos que estruturam a narrativa de *best-sellers* como o Cinquenta Tons deixa as leitoras confortáveis “por ser algo já conhecido”.

O lançamento da trilogia Cinquenta Tons de Cinza causou furor entre as mulheres que se classificam como feministas. Na época de seu lançamento, um grupo feminino planejava fazer uma fogueira para queimar exemplares da obra em

Washington, nos Estados Unidos. A justificativa era a de que o livro incitaria à violência doméstica²⁷.

Diversos grupos feministas julgam as leitoras da obra, caracterizando-as como “alienadas” ou “ignorantes” e afirmando que há uma normalização das relações de abuso e da violência doméstica presentes na narrativa. Ao se defender das acusações, E.L James diz que Cinquenta Tons de Cinza relata uma fantasia, e que todas as mulheres têm direito a ela²⁸. Entretanto, cabe a discussão: até que ponto essa fantasia pode contribuir de forma positiva para a vida das leitoras e como isso pode influenciar o seu comportamento?

Defensoras do livro acreditam que ele retrata a ideia de que a mulher não deve ser submissa em sua vida cotidiana (uma vez que Anastasia nem sempre aceita as imposições de Christian), que o contexto de submissão presente na narrativa é entre quatro paredes, onde não há regras imperando na sexualidade. Elas afirmam que esse fato mostrou ao mundo inteiro que as mulheres são seres sexuais (assim como os homens) e não há porque se envergonhar disso, e que isso as encorajou a falar mais sobre sexo e a se permitir fantasiar, resultando em um avanço para as mulheres.²⁹

Apesar disso, entende-se que Anastasia é submissa no seu relacionamento com Christian como um todo. Ao fim da história ela se torna a esposa ideal, mãe, cuidadora do lar e disposta a abrir mão de sua profissão para atender um desejo de Grey:

— Mas... Eu gosto de você descalça e grávida e na nossa cozinha. Eu me inclino para trás para que eu possa ver seu rosto. Ele olha para mim, os olhos brilhantes. — Eu gosto, também, — eu murmuro, e ele me beija, suas mãos ainda se espalham em toda minha barriga (JAMES, 2011, livro 3, p. 506).

Questionamentos acerca do quanto Anastasia abriu mão de sua própria vida e individualidade para agradar Christian surgem. O jovem rapaz pode ser

²⁷ Informação disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/grupo-feminino-planeja-queima-de-exemplares-do-romance-cinquenta-tons-de-cinza-5888499>

²⁸ Disponível em: <http://cinema.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/11/feminista-autora-de-50-tons-defende-o-direito-das-mulheres-a-fantasia.htm> (Acesso em 17/05/2016)

²⁹ Disponível em: http://www.brasilpost.com.br/jenny-trout/cinquenta-tons-de-cinza-e_b_6668960.html (Acesso em 17/05/2016)

considerado como manipulador, autoritário e perseguidor, reforçando um preconceito machista enraizado na nossa sociedade.

Em diversas passagens da narrativa, Anastasia é considerada culpada pelos problemas que surgem ao longo do relacionamento: ela apanha em várias cenas, sem motivos e até mesmo por não dizer as palavras de segurança combinadas no contrato; ela engravida por esquecer de tomar o anticoncepcional e não porque Christian não usou a camisinha; ele se enfurece por ela não avisar sempre onde e com quem está. A jovem vai sendo “moldada” ao longo da história de acordo com os desejos e vontades de Christian, adquirindo uma nova identidade diferente daquela em que se considera ingênua e imatura, aceitando viver a vida imposta a ela e até mesmo passando a consentir e desejar atos mais violentos em suas práticas sexuais.

A narrativa a todo instante busca justificar o comportamento abusivo do personagem principal: seu prazer pelo sadomasoquismo é resultado de uma infância repleta de dificuldades e abusos; seu excesso de controle não é um transtorno, é apenas preocupação; o ciúme doentio não é doença, é prova de amor e demonstração de afeto. Essas características já estão enraizadas nas relações, podendo passar despercebidas por já serem consideradas como algo natural, fato que não deveria acontecer.

Anastasia se sente privilegiada por ter um homem igual Christian interessado nela, já que ela não se considera merecedora dessa atitude por achar que não é boa o suficiente. Ele passa a enviar presentes caros para a casa da jovem após descobrir seu endereço sem ela ter fornecido, rastreia o celular dela a fim de saber exatamente sua localização e, em diversas ocasiões, lhe oferece bebida alcoólica e a leva para seu quarto. Controla sua dieta e, em certo momento, compra o local em que Anastasia trabalha para ter mais controle sobre ela, afirmando que compraria qualquer outro lugar em que ela trabalhasse.

Em uma das diversas cenas de sexo do livro, Anastasia hesita e pede para que Christian a solte. Entretanto, ele se nega, agindo de forma agressiva: “-Não - protesto, tentando chutá-lo. Ele para. -Se você se debater, amarro seus pés também. Se fizer algum barulho, Anastasia, eu a amordaço. Fique quieta.” (JAMES, 2011, livro 1, p. 173). Cenas como essa configuram e caracterizam o comportamento doentio de Christian. Após a personagem principal se sentir confusa

em relação ao relacionamento que vive e decidir se afastar, Grey demonstra que vai mudar seu comportamento como forma de concessão, entretanto, tudo volta a se repetir.

A sociedade construiu estereótipos femininos e masculinos e, até pouco tempo atrás, a mulher possuía um papel bem definido pela sociedade, que englobava cuidar do lar, preservar a virgindade a espera do futuro marido, ter filhos e ser submissa ao homem da casa. Com o advento do feminismo, esse papel passou a ser questionado, proporcionando à mulher o direito de tomar o rumo de sua própria vida.

É possível perceber que todo relacionamento vivido por Anastasia Steele e Christian Grey na trilogia Cinquenta Tons de Cinza segue na contramão do que o feminismo prega. Em pleno século 21 e após todo processo de emancipação feminina, Anastasia é colocada como uma mulher-objeto, sofrendo as consequências do temperamento de Christian e tendo de se adaptar para poder agradá-lo. Ao mesmo tempo em que a história “choca” pela presença de uma descrição sexual mais aprofundada, a narrativa reafirma valores de uma ideologia tradicional. As cenas de sexo nos incitam pelo poder de novidade, mas não nos fazem pensar além do esperado: o casal vive feliz para sempre no final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível inferir que a indústria do entretenimento segue uma receita com o objetivo de obter lucro. Com a trilogia Cinquenta Tons de Cinza não foi diferente: a narrativa traz um conto de fadas picante, com fantasias que podem ser comuns às mulheres.

Como produto da indústria cultural, a trilogia pode servir como importante objeto de estudo para compreender a lógica de venda com base na produção industrial.

A personagem principal é representada como uma mulher comum, sem muitos atributos, inexperiente, teimosa e desejando explorar tudo aquilo que a vida tem a lhe oferecer. O protagonista é mostrado como “sonho de consumo”, apesar de todos os defeitos em sua personalidade. Como já esperado de um produto da indústria cultural, o final feliz é óbvio.

A trama não rompe nenhum paradigma de comportamento, pensamento ou linguagem, chegando até mesmo a reforçar padrões já estabelecidos. O sucesso pode ser ligado à busca constante por amor e redenção, muito além da relação sadomasoquista presente na história. No contexto em que a sociedade está inserida onde o entretenimento assume papel de terapia, tudo aquilo que pode oferecer oportunidades de solução para os problemas dos consumidores é passível de sucesso.

Ao longo da história, Anastasia descobre o próprio corpo, tendo de lidar com problemas relacionados à sua autoestima. Ela também lida com situações relacionadas à falta de comunicação com o parceiro e às pressões comuns à idade, principalmente sobre os papéis femininos impostos pela sociedade. Essas situações podem provocar profunda identificação das leitoras com a obra, uma vez que, em geral, esses são problemas comuns na vida de uma mulher. O clichê dos “opostos se atraem” também está presente em toda a obra, junto ao fato de os protagonistas enfrentarem diversas dificuldades para alcançar o tão esperado final feliz.

O principal questionamento gira em torno do fato de que em pleno século 21, época em que as mulheres se tornaram mais independentes, possuem bons empregos e lutam por mais igualdade, uma obra como Cinquenta Tons de Cinza

com um enredo que gira em torno de um relacionamento de uma jovem com um homem dominador e autoritário, faça tanto sucesso.

Seria isso uma consequência da sociedade extremamente machista ainda vigente em que, mesmo de forma inconsciente, a mulher tem o desejo de ser “protegida” por um homem? Ou o sucesso se deve à identificação com a narrativa em paralelo ao desejo nato do ser humano de ser amado e pela eterna busca por redenção? Por fim, seria apenas uma curiosidade em relação ao sexo presente na história?

De acordo com abordado anteriormente por Marguerite A. Petters (2012), a família, o casamento e maternidade são a origem da opressão e da dependência feminina. Em contraposição a essa premissa, está a narrativa da trilogia. Anastasia e Grey “superam” as dificuldades, se casam e constroem uma família em cima de uma base não sólida, pois firmaram o relacionamento em cima de problemas que, ao que se pode perceber, não foram devidamente solucionados, como é o caso dos abusos sofridos pelo personagem principal.

A representação feminina contida na história retrata uma personagem humana, longe do ideal de perfeição e que lida com as mesmas falhas e imperfeições da mulher real.

O processo de desenvolvimento do presente Trabalho de Conclusão de Curso foi de, inicialmente, contextualizar a evolução feminina ao longo dos últimos anos, com foco na emancipação da mulher e relacionar ao atual momento. Foram apresentadas também questões relacionadas ao feminismo e uma das ferramentas que a mulher pode usar para construir sua identidade social: a literatura. Para a realização da análise, essas informações foram relacionadas a conceitos de comunicação largamente estudados, como a indústria cultural, cultura midiática e de convergência.

De acordo com a questão proposta no estudo que foi “A leitura de livros de romance erótico exerce que tipo de influência na construção da identidade social feminina?”, é possível, através da análise realizada, responder que a leitura serve como mecanismo de transformação na relação entre os seres humanos e a relação do indivíduo consigo mesmo. As influências nesse processo de construção podem estar relacionadas com a forma em que a leitora enxerga a protagonista da história

como um espelho de si própria, levando em consideração seu comportamento e atitudes perante diversas situações.

O principal objetivo, que era o de apresentar qual a representatividade da leitura da trilogia “Cinquenta Tons de Cinza” na construção da identidade e do papel social feminino de suas leitoras, foi alcançado através de uma exposição do processo evolutivo da mulher ao longo dos anos relacionado a apresentação de dados das leitoras dos livros e o impacto cultural por eles proporcionados.

Acerca de outros estudos relacionados ao tema, pode ser futuramente analisado o personagem Christian Grey como personificação de uma sociedade patriarcal e machista vigente ou quais os fatores que influenciam o comportamento de compra em relação à trilogia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W./ HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.
- ALEXANDRIAN: **História da literatura erótica**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BRUYNE, P. **Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- BAITELLO JR., Norval. **A era da Iconofagia**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BATTAILE, Georges. **O erotismo**. São Paulo: L&PM, 1987.
- BARTHES, R. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Cultrix, 1978.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo – fatos e mitos**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLASTING NEWS. **Conheça Cassandra Rios, a escritora brasileira mais perseguida pela ditadura militar**. 27 mar 2015.
<http://br.blastingnews.com/cultura/2015/03/conheca-cassandra-rios-a-escritora-brasileira-mais-perseguida-pela-ditadura-militar-00324509.html> (Acesso em 17/05/2016)
- BRASIL POST. **“50 Tons de Cinza” e a crítica antifeminista**.
http://www.brasilpost.com.br/jenny-trout/cinquenta-tons-de-cinza-e_b_6668960.html (Acesso em 17/05/2016)
- DIÁRIO DE SANTA MARIA. **Especialistas e praticantes do sadomasoquismo analisam “50 Tons de Cinza”**. 28 fev 2015.
<http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/02/especialistas-e-praticantes-do-sadomasoquismo-analisam-50-tons-de-cinza-4709015.html> (Acesso em: 17/05/2016)
- E.L JAMES AUTHOR. **Provocative Romance**.
<http://www.eljamesauthor.com/books/fifty-shades-of-grey/> (Acesso em 17/05/2016)
- EL PAÍS. **Literatura de prazer ou mercado?** 21 mar 2015.
http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/12/cultura/1426190976_172005.html (Acesso em 17/05/2016)
- FOLHA DE SÃO PAULO. **Mulheres consomem mais pela internet do que homens, aponta estudo**. 13 mar 2015.
<http://classificados.folha.uol.com.br/negocios/2015/03/1602457-mulheres-consoem-mais-pela-internet-do-que-homens-aponta-estudo.shtml> (Acesso em 19/05/2015)
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- G1. **Juiz manda recolher trilogia '50 tons de cinza' em livrarias de Macaé, RJ**. 17 jan 2013. <http://g1.globo.com/rj/serra-lagos-norte/noticia/2013/01/juiz-proibe-exposicao-da-trilogia-cinquenta-anos-de-cinza-sem-lacre.html> (Acesso em 21/05/2016)

GANCHO, Cândida Vilares. **Como Analisar Narrativas**. São Paulo: Ática, 2002.

GAZETA DO POVO. **A intimidade da nova literatura erótica**. 1 ago 2014.

<http://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/a-intimidade-da-nova-literatura-erotica-eblrbiiq571arqsub857we34e> (Acesso em 17/05/2016)

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª Edição, São Paulo: Editora Atlas, 2002.

INSTITUO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil**.

http://prolivro.org.br/home/images/relatorios_boletins/3_ed_pesquisa_retratos_leitura_IPL.pdf(Acesso em 09/05/2016)

JAMES, E.L. **Cinquenta Tons de Cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JAMES, E.L. **Cinquenta Tons Mais Escuros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JAMES, E.L. **Cinquenta Tons de Liberdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. 2ª Ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNG, Carl. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1987.

KRISTEVA, Júlia. **O Texto do Romance**. 1ª Ed. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher. Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

LIVROS E OPINIÃO. **Sabrina, Júlia e Bianca: os famosos romances de banca que marcaram gerações de leitoras**.

<http://www.livroseopiniao.com.br/2013/02/sabrina-julia-e-bianca-os-famosos.html> (Acesso em 12/05/2016)

LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. São Paulo: Editora 34, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique & CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008

MAKOWIECKY, Sandra. **Representação: a palavra, a ideia, a coisa**. Representação da Modernidade, 2003.

MONEY, John. **Hermaphroditism, gender and precocity in hyperadrenocorticism: Psychologic findings**. Bulletin of the Johns Hopkins Hospital, Baltimore, EUA, 1955.

O GLOBO. **Cinquenta Tons de Cinza ultrapassa marca de 100 milhões de cópias vendidas**. <http://oglobo.globo.com/cultura/50-tons-de-cinza-ultrapassa-marca-de-100-milhoes-de-copias-vendidas-11727715> (Acesso em 17/05/2016)

O GLOBO. **Estudo afirma que leitoras de cinquenta tons de cinza podem desenvolver distúrbios alimentares**. 28 ago 2014. <http://oglobo.globo.com/sociedade/estudo-afirma-que-leitoras-decinquenta-tons-de-cinza-podem-desenvolver-disturbios-alimentares-13695212> (Acesso em 21/05/2016)

ORÁCULO DOS LIVROS. **Categoria: romance adulto (erótico)**.

http://oraculodoslivros.com.br/por_categoria/romanceadulto/ (último acesso em 15/05/2016) (Acesso em 17/05/2016)

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento de sentidos**. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992.

PINTO, Milton José. **Comunicação e discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

PEETERS, Marguerite A. **O gênero: uma norma política e cultural mundial**. 1ª Ed. São Paulo: Paulus, 2015.

RANDAZZO, Sal. **A criação e mitos na publicidade: como os publicitários usam o poder do mito e do simbolismo para criar marcas de sucesso**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

REVISTA EXAME. **Jogos Olímpicos e crise econômica aquecem o mercado editorial Brasileiro**. 22 fev 2016.

<http://exame.abril.com.br/negocios/dino/noticias/jogos-olimpicos-e-crise-economica-aquecem-o-mercado-editorial-brasileiro.shtml> (Acesso em 15/05/2016)

ROCHA, Everardo P. Guimarães. **A sociedade do sonho: comunicação, cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad Ed., 1995.

SANTAELLA, Lucia e NÖTH, Winfried. **Imagem: Cognição, semiótica, mídia**. 4ª Ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTOS, José Rodrigues dos. **O Que É Comunicação**. Lisboa: Difusão Cultural, 1992

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pesquisa-comunicacao-media.pdf>> Acesso em: 13 Março. 2016.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. 4ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

VALOR ECONÔMICO. **Brinquedos eróticos faturam com ‘Cinquenta Tons de Cinza’**. 2 fev 2015. <http://economia.estadao.com.br/blogs/radar-economico/brinquedos-eroticos/> (Acesso em 21/05/2016)

VEJA. **‘Cinquenta Tons de Cinza’ banaliza violência contra a mulher, diz estudo**. 13 ago 2013. <http://veja.abril.com.br/ciencia/cinquenta-tons-de-cinza-banaliza-violencia-contra-a-mulher-diz-estudo/> (Acesso em 21/05/2016)

VEJA. **'Cinquenta Tons de Cinza' já é o romance britânico mais vendido da história**. <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/cinquenta-tons-de-cinza-e-o-romance-britanico-mais-vendido-da-historia> (Acesso em 21/05/2016)

VEJA. **Grupo feminino planeja queima de exemplares do romance Cinquenta Tons de Cinza**. 02 mar 2012. <http://oglobo.globo.com/cultura/grupo-feminino-planeja-queima-de-exemplares-do-romance-cinquenta-tons-de-cinza-5888499> (Acesso em 17/05/2016)

VEJA. **Qual é a diferença entre pornografia e erotismo?**. 02 dez 2013. <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/consultorio/qual-e-a-diferenca-entre-pornografia-e-erotismo/> (Acesso em 22/05/2016)

VICE. **O Tom Perturbador de “Cinquenta Tons de Cinza”**. 13 fev 2015. http://www.vice.com/pt_br/read/o-tom-perturbador-de-cinquenta-tons-de-cinza (Acesso em: 17/05/2016)

WEBER, Wagner Luís. **O Mosquito na Vidraça: a formação dos cidadãos à luz da teoria crítica da Escola de Frankfurt**. In: ZUIN, Antonio Álvaro Soares; PUCCI,

Bruno; RAMOS DE OLIVEIRA, Newton (orgs) A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação. Petrópolis/São Carlos: Vozes/UFSCAR, 1998.

ANEXO A – CONTRATO

CONTRATO

No dia _____ de 2011 (“data de início”)

ENTRE

O SR. CHRISTIAN GREY, com domicilio no Escala 301, Seattle, 98889 Washington, (“o Dominante”)

E A SRTA. ANASTÁSIA STEELE, com domicilio no SW Green Street 1114, apartamento 7, Haven Heights, Vancouver, 98888 Washington (“a Submissa”)

AS PARTES ACORDAM O SEGUINTE

1. A seguir estão os termos de um contrato vinculativo entre o Dominante e a Submissa.

TERMOS FUNDAMENTAIS

2. O propósito fundamental deste contrato é permitir que a Submissa explore sua sensualidade e seus limites de forma segura, com o devido respeito e cuidar de suas necessidades, seus limites e seu bem-estar.

3. O Dominante e a Submissa acordam e admitem que tudo o que aconteça sob os termos deste contrato será consensual e confidencial, e estará sujeito aos limites acordados e aos procedimentos de segurança que se contemplam neste contrato. Podem acrescentar-se limites e procedimentos de segurança adicionais.

4. O Dominante e a Submissa garantem que não padecem de infecções sexuais nem enfermidades graves, incluindo HIV, herpes e hepatite, entre outras. Se durante a vigência do contrato (como se define abaixo) ou de qualquer ampliação do mesmo, uma das partes for diagnosticada ou tiver conhecimento de padecer de alguma destas enfermidades, compromete-se a informar à outra imediatamente e em todo caso, antes que se produza qualquer tipo de contato entre as partes.

5. É preciso cumprir as garantias e os acordos anteriormente mencionados (e todo limite e procedimento de segurança adicional acordado na cláusula 3). Toda infração invalidará este contrato com caráter imediato e ambas as partes aceitam assumir totalmente ante a outra as consequências da infração.

6. Todos os pontos deste contrato devem ler-se e interpretar-se à luz do propósito e os términos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

FUNÇÕES

7. O Dominante será responsável pelo bem-estar e pelo treinamento, a orientação e a disciplina da Submissa. Decidirá o tipo de treinamento, a orientação e a disciplina, e o momento e o lugar de administrá-los, atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordado ainda nos termos da cláusula 3 acima.

8. Se em algum momento o Dominante não mantiver os termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, a Submissa tem direito a finalizar este contrato imediatamente e a abandonar seu serviço ao Dominante sem prévio aviso.

9. Atendendo a esta condição e às cláusulas 2-5, a Submissa tem que obedecer em tudo ao Dominante. Atendendo aos termos acordados, os limites e os procedimentos de segurança estabelecidos neste contrato ou acordados na cláusula 3, deve oferecer ao Dominante, sem perguntar nem duvidar, todo o prazer que este lhe exija, e deve aceitar, sem perguntar nem duvidar, o treinamento, a orientação e a disciplina em todas suas formas.

INÍCIO E VIGÊNCIA

10. O Dominante e a Submissa assinam este contrato na data de início, conscientes de sua natureza e comprometendo-se a acatar suas condições sem exceção.

11. Este contrato terá efeito durante um período de três meses a partir da data de início (“vigência do contrato”). Ao expirar a vigência, as partes comentarão se este

contrato e o disposto por eles no mesmo, são satisfatórios e se estiverem satisfeitas as necessidades de cada parte. Ambas as partes podem propor ampliar o contrato e ajustar os termos ou os acordos que nele se estabelecem. Se não se chegar a um acordo para ampliá-lo, este contrato concluirá e ambas as partes serão livres para seguir sua vida separados.

DISPONIBILIDADE

12. A Submissa estará disponível para o Dominante desde sexta-feira à noite até o domingo pela tarde, todas as semanas durante a vigência do contrato, com as horas a especificar pelo Dominante ("horas atribuídas"). Podem acordar mutuamente por mais horas, atribuídas como adicionais.

13. O Dominante se reserva o direito a rechaçar o serviço da Submissa em qualquer momento e pelas razões que sejam. A Submissa pode solicitar sua liberação em qualquer momento, liberação que ficará a critério do Dominante e estará exclusivamente sujeito aos direitos da Submissa contemplados nas cláusulas 2-5 e 8.

LOCALIZAÇÃO

14. A Submissa estará disponível às horas atribuídas e às horas adicionais, nos lugares que determine o Dominante. O Dominante concorrerá com todos os custos de viagem que incorra a Submissa com este fim.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

15. As duas partes discutem e acordam as seguintes prestações de serviços, e ambas deverão as cumprir durante a vigência do contrato. Ambas as partes aceitam que podem surgir questões não contempladas nos termos deste contrato de prestação de serviços, e que determinadas questões poderão renegociar-se. Nestas circunstâncias, poderão propor-se cláusulas adicionais a modo de emenda. Ambas as partes deverão acordar, redigir e assinar toda cláusula adicional ou emenda, que estará sujeita aos termos fundamentais estabelecidos nas cláusulas 2-5.

DOMINANTE

15.1. O Dominante deve priorizar em todo momento a saúde e a segurança da Submissa. O Dominante em nenhum momento exigirá, solicitará, permitirá nem pedirá à Submissa que participe das atividades detalhadas no Apêndice 2 ou em toda atividade que qualquer das duas partes considere insegura. O Dominante não levará a cabo, nem permitirá que se leve a cabo, nenhuma atividade que possa ferir gravemente à Submissa ou pôr em perigo sua vida. As restantes sub-partes desta cláusula 15 devem ler-se atendendo a esta condição e aos acordos fundamentais das cláusulas 2-5.

15.2. O Dominante aceita o controle, o domínio e a disciplina da Submissa durante a vigência do contrato. O Dominante pode utilizar o corpo da Submissa em qualquer momento durante as horas atribuídas, ou em horas adicionais acordadas, da maneira que considere oportuno, no sexo ou em qualquer outro âmbito.

15.3. O Dominante oferecerá a Submissa o treinamento e a orientação necessários para servir adequadamente ao Dominante.

15.4. O Dominante manterá um entorno estável e seguro para que a Submissa possa levar a cabo suas obrigações para servir ao Dominante.

15.5. O Dominante pode disciplinar à Submissa quanto seja necessário para assegurar-se de que a Submissa entenda totalmente seu papel de submissão ao Dominante e para desalentar condutas inaceitáveis. O Dominante pode açoitar, surrar, dar chicotadas e castigar fisicamente à Submissa se o considerar oportuno por motivos de disciplina, por prazer ou por qualquer outra razão, que não está obrigado a expor.

15.6. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que não fiquem marcas no corpo da Submissa, nem feridas que exijam atenção médica.

15.7. No treinamento e na administração de disciplina, o Dominante garantirá que a disciplina e os instrumentos utilizados para administrá-la, sejam seguros, não os

utilizará de maneira que provoquem danos sérios e em nenhum caso poderá transpassar os limites estabelecidos e detalhados neste contrato.

15.8. Em caso de enfermidade ou ferida, o Dominante cuidará da Submissa, vigiará sua saúde e sua segurança, e solicitará atenção médica quando o considerar necessário.

15.9. O Dominante cuidará de sua própria saúde e procurará atenção médica quando for necessário para evitar riscos.

15.10. O Dominante não emprestará sua Submissa a outro Dominante.

15.11. O Dominante poderá sujeitar, algemar ou atar a Submissa em todo momento durante as horas atribuídas ou em qualquer hora adicional por qualquer razão e por compridos períodos de tempo, emprestando a devida atenção à saúde e a segurança da Submissa.

15.12. O Dominante garantirá que todo o equipamento utilizado para o treinamento e a disciplina se mantenha limpo, higiênico e seguro em todo momento.

SUBMISSA

15.13. A Submissa aceita o Dominante como seu dono e entende que agora é de sua propriedade e que está ao seu dispor quando o Dominante lhe agrada durante a vigência do contrato em geral, mas especialmente nas horas atribuídas e nas horas adicionais acordadas.

15.14. A Submissa obedecerá às normas estabelecidas no Apêndice 1 deste contrato.

15.15. A Submissa servirá ao Dominante em tudo aquilo que o Dominante considere oportuno e deve fazer todo o possível por agradar ao Dominante em todo momento.

15.16. A Submissa tomará medidas necessárias para cuidar de sua saúde, solicitará ou procurará atenção médica quando a necessitar, e em todo momento manterá informado o Dominante de qualquer problema de saúde que possa surgir.

15.17. A Submissa garantirá que toma anticoncepcionais orais, e que toma como e quando é devido para evitar ficar grávida.

15.18. A Submissa aceitará sem questionar todas e cada uma das ações disciplinadoras que o Dominante considere necessárias, e em todo momento recordará seu papel e sua função ante o Dominante.

15.19. A Submissa não se tocará nem se proporcionará prazer sexual sem a permissão do Dominante.

15.20. A Submissa se submeterá a toda atividade sexual que exija o Dominante, sem duvidar e sem discutir.

15.21. A Submissa aceitará açoites, surras, pauladas, chicotadas ou qualquer outra disciplina que o Dominante administrar, sem duvidar, perguntar nem queixar-se.

15.22. A Submissa não olhará diretamente nos olhos ao Dominante exceto quando lhe ordenar. A Submissa deve abaixar os olhos, guardar silêncio e mostrar-se respeitosa em presença do Dominante.

15.23. A Submissa se comportará sempre com respeito para o Dominante e só se dirigirá a ele como senhor, senhor Grey ou qualquer outro apelativo que lhe ordene o Dominante.

15.24. A Submissa não tocará no Dominante sem seu rápido consentimento.

ATIVIDADES

16. A Submissa não participará de atividades ou atos sexuais que qualquer das duas partes considere inseguras nem nas atividades detalhadas no Apêndice 2.

17. O Dominante e a Submissa comentaram as atividades estabelecidas no Apêndice 3 e fazem constar por escrito no Apêndice 3 seu acordo a respeito.

PALAVRAS DE SEGURANÇA

18. O Dominante e a Submissa admitem que o Dominante pode solicitar à Submissa ações que não possam levar-se a cabo sem incorrer em danos físicos, mentais, emocionais, espirituais ou de outro tipo no momento em que lhe solicitam. Neste tipo de circunstâncias, a Submissa pode utilizar uma palavra de segurança. Serão incluídas duas palavras de segurança em função da intensidade das demandas.

19. Será utilizada a palavra de segurança “Amarelo” para indicar ao Dominante que a Submissa está chegando ao limite da resistência.

20. Será utilizada a palavra de segurança “Vermelho” para indicar ao Dominante que a Submissa já não pode tolerar mais exigências. Quando se disser esta palavra, a ação do Dominante cessará totalmente, com efeito imediato.

CONCLUSÃO

21. Os abaixo assinantes têm lido e entendido totalmente o que estipula este contrato.

Aceitamos livremente os termos deste contrato e com nossa assinatura damos nossa conformidade.

Dominante: Christian Grey

Data:

Submissa: Anastásia Steele

Data:

APÊNDICE 1

NORMAS

Obediência:

A Submissa obedecerá imediatamente todas as instruções do Dominante, sem duvidar, sem reservas e de forma expedita. A Submissa aceitará toda atividade sexual que o Dominante considere oportuna e prazerosa, exceto as atividades contempladas nos limites infranqueáveis (Apêndice 2). O fará com entusiasmo e sem duvidar.

Sono:

A Submissa garantirá que dorme no mínimo oito horas diárias quando não estiver com o Dominante.

Comida:

Para cuidar de sua saúde e seu bem-estar, a Submissa comerá frequentemente os mantimentos incluídos em uma lista (Apêndice 4). A Submissa não comerá entre horas, à exceção de fruta.

Roupa:

Durante a vigência do contrato, a Submissa só vestirá roupa que o Dominante tenha aprovado. O Dominante oferecerá à Submissa um orçamento para roupas, que a Submissa deve utilizar. O Dominante acompanhará à Submissa às compras de roupas quando for necessário. Se o Dominante assim o exigir, enquanto o contrato esteja vigente, a Submissa ficará com os adornos que lhe exija o Dominante, em sua presença ou em qualquer outro momento que o Dominante considere oportuno.

Exercício:

O Dominante proporcionará à Submissa um treinador pessoal quatro vezes por semana, em sessões de uma hora, a horas convencionadas pelo treinador pessoal e a Submissa. O treinador pessoal informará ao Dominante dos avanços da Submissa.

Higiene pessoal e beleza:

A Submissa estará limpa e depilada em todo momento. A Submissa irá a um salão de beleza eleita pelo Dominante quando este o ditar e se submeterá a qualquer

tratamento que o Dominante considere oportuno. O Dominante concorrerá com todos os gastos.

Segurança pessoal:

A Submissa não beberá em excesso, não fumará, não tomará substâncias psicotrópicas, nem correrá riscos desnecessários.

Qualidades pessoais:

A Submissa só manterá relações sexuais com o Dominante. A Submissa se comportará em todo momento com respeito e humildade. Deve compreender que sua conduta influi diretamente na do Dominante.

Será responsabilizada por eventuais delitos, desmandos e os excessos cometidos quando não na presença do Dominante.

Ao descumprimento de qualquer das normas anteriores será imediatamente castigada, e o Dominante determinará a natureza do castigo.

APÊNDICE 2

Limites Rígidos

Sem atos com fogo.

Sem atos com urina, ou defecção e seus produtos.

Sem atos com agulhas, facas, perfurações e sangue.

Sem atos envolvendo instrumentos médico ginecológico.

Sem atos com crianças ou animais.

Sem atos que deixem marcas permanentes na pele.

Sem atos relativos ao controle da respiração.

Sem atividade que implique contato direto com corrente elétrica (tanto alternada como contínua), fogo ou chamas no corpo.

APÊNDICE 3

Limites Suaves

A discutir e acordar por ambas as partes:

Qual dos seguintes atos sexuais são aceitáveis para a Submissa?

- Masturbação
- Felacção
- Cunnilingus
- Penetração vaginal
- Fisting vaginal
- Penetração anal
- Fisting anal

A ingestão de sêmen é aceitável para a Submissa?

O uso de brinquedos sexuais é aceitável para a Submissa?

- Vibradores
- Consoladores
- Plugues anais
- Outros brinquedos vaginais/anais

A Submissa aceita o uso de Bondage?

- Mãos na frente
- Mãos atrás
- Tornozelos
- Joelhos
- Cotovelos
- Pulsos aos tornozelos
- Barras de amarração
- Amarrada ao mobiliário
- Vendar
- Colocação de mordaca
- Bondage com cordas
- Bondage com fita adesiva
- Bondage com algemas de couro
- Suspensão
- Bondage com algemas de metal/restrições

Quanto de dor a Submissa está disposta a experimentar?

Onde 1 equivale a que gosta muito e 5, a que lhe desgosta muito:

1 – 2 – 3 – 4 – 5

Aceita a Submissa as seguintes forma de dor/castigo/disciplina?

Onde 1 é para nenhum e 5 é para grave: 1 – 2 – 3 – 4 – 5

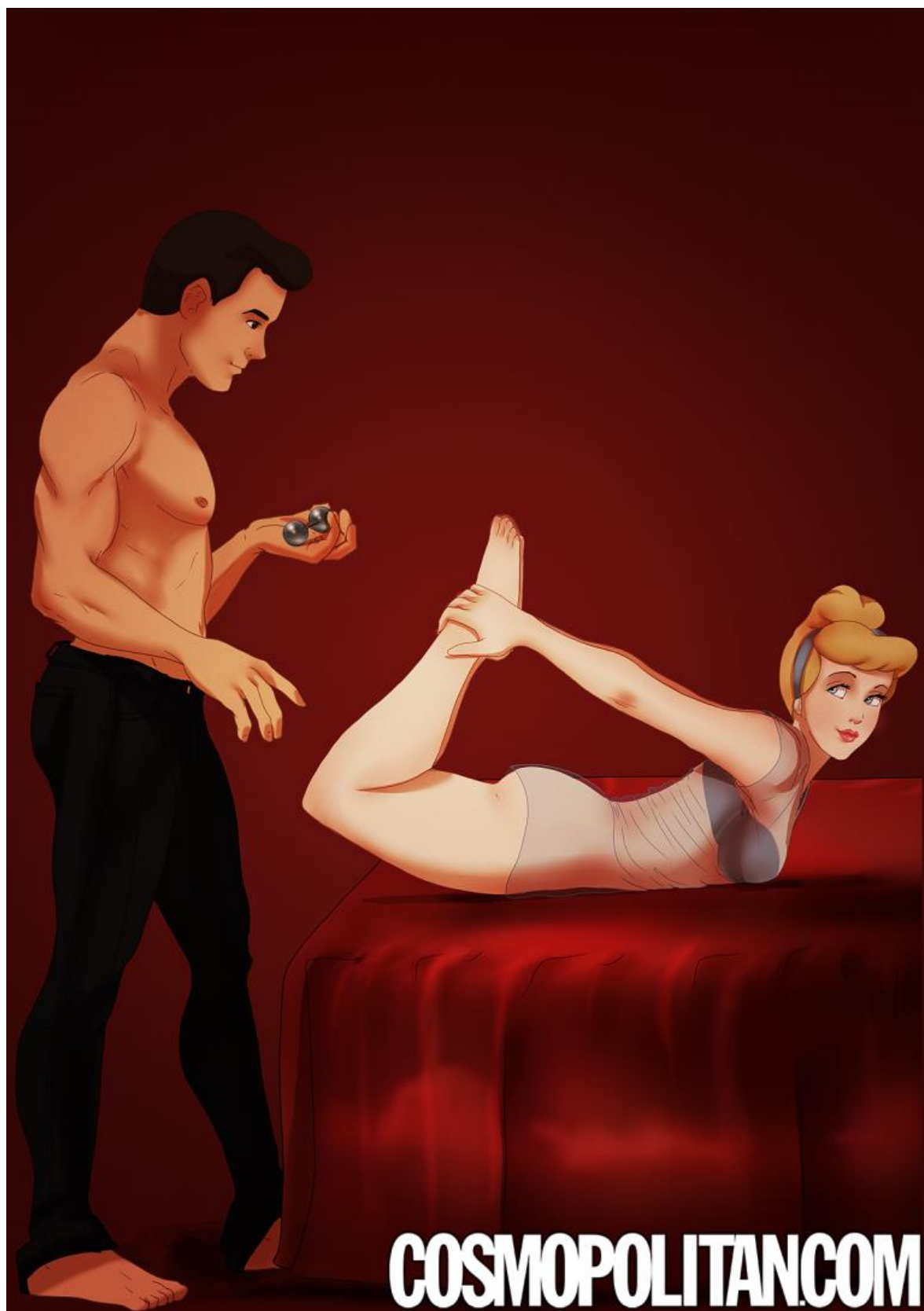
- Açoites
- Açoites com pá
- Chicotadas
- Açoites com vara
- Mordidas
- Pinças para mamilos
- Pinças genitais
- Gelo
- Cera quente
- Outros tipos/métodos de dor

ANEXO B – Figura 1



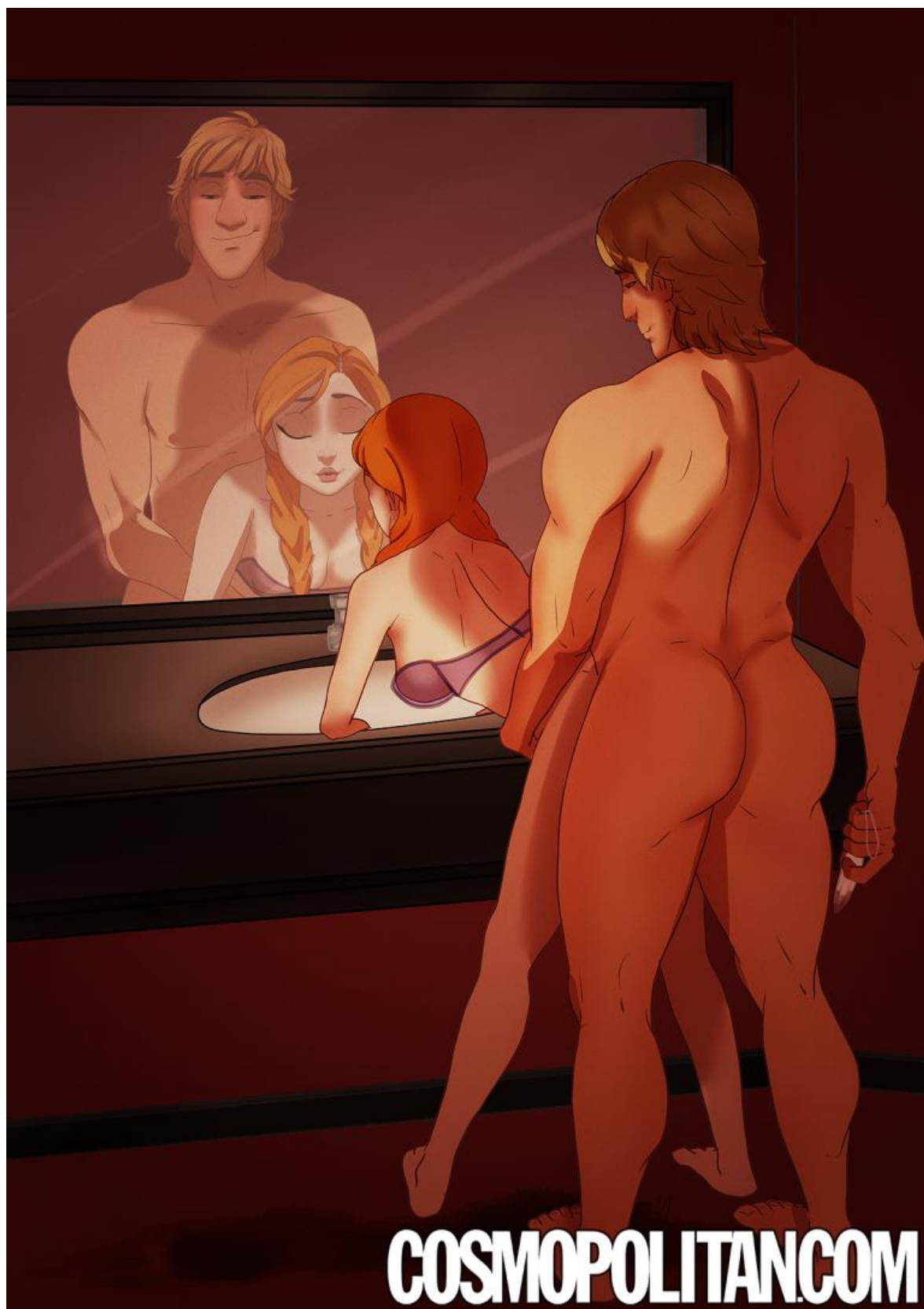
Fonte: Cosmopolitan Ariel e Eric (Pequena Sereia)

ANEXO C – Figura 2



Fonte: Cosmopolitan **Cinderela e Prince (Cinderela)**

ANEXO D – Figura 3



Fonte: Cosmopolitan **Anna e Kristoff (Frozen)**